

AS SETE CARRUAGENS

ANDRÉ FERNANDES



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

AS SETE CARRUAGENS

ANDRÉ FERNANDES



M ANUSCRITO

AS SETE
CARRUAGENS

ANDRÉ FERNANDES

AS SETE
CARRUAGENS

© 2024

Todos os direitos relativos à chancela Manuscrito encontram-se reservados para a Editorial Presença, S.A.
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título: *As Sete Carruagens*

Autor: André Fernandes

Copyright © André Fernandes

Copyright © Editorial Presença, S.A. 2024

Revisão: Carina Correia/Editorial Presença

Capa: Sofia Ramos/Editorial Presença

Ilustração de capa: Francisco Fonseca (Francis.co)

Composição: Fotocompográfica, Lda.

Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-9181-24-3

1.ª edição em papel, Lisboa, Maio, 2024

O autor escreve de acordo com a antiga grafia.

«A pior cegueira é a mental, que faz com que não reconheçamos o que temos à frente.»

José Saramago, *Ensaio sobre a Cegueira*

PREFÁCIO

«Mas quem é que, nos dias de hoje, se demora nos olhos de alguém?»

O autor demora, porque sabe amar com o olhar. Sabe que é no olhar que se espelha a alma tantas vezes afundida por tormentos, fantasmas... coisas do passado que nos abocanham e canceram. Na limpidez líquida do seu olhar, encontramos o abraço, «coração com coração, como os abraços devem ser», o colo, a urgência de uma vida plena onde há espaço para o novo, o distinto, a magia. No seu olhar, encontro a languidez de um poente, o conforto de uma chávena de chá fumegante acolitada de lambiscos, o chocolate que se funde nas papilas do desejo...

O autor não troça da vida, divino teatro onde somos protagonistas. Tece-a com fios de ternura e espanto, procurando no outro parceria para um caminho de luz. É largo o caminho, por mais acanhado que nos pareça, que não nos arrufemos para cabermos dentro. Sabe das emboscadas, da imundice do mundo, dos percalços desviantes, mas faz do entendimento passo firme para continuar. Sabe que só o perdão liberta medos e raivas, cativos por uma personalidade enlutada.

O autor sabe que o amor é fermento. Pão medrado da alegria. Que é o amor que pinta a vida, que rasga a noite sanguínea. Que cura e salva. Mas também sabe que, para isso, há que desatar o que nos sufoca, pecado(s), pesada canga que nos ajouja, e ofensas passadas. Acredito que seja no amor e no perdão que muitos encontram o rosto de deus. «Pena» minha, esta de ser incrêu e pela ciência, contudo, não recusando o quanto na escrita do autor me convoca à viagem, por mim próprio procurando a centelha que me distingue.

É isso. André, o autor dos olhos de água, leva-nos pela mão, através das suas palavras, que nos despertam do torpor em que (sobre)vivemos. Ler este livro — e fi-lo de uma assentada —, o seu primeiro ficcionado, ou talvez nem tanto, que o

pressinto fruto de permanente inquietação, deixa-nos em sobressalto. Ouçamos os silêncios enquanto gritos por ajuda, e saibamos que o território, que achamos nosso e a que chamamos vida, nem sempre é apenas cómodo. O autor escreve a gramática do afecto, da generosidade, da empatia. E lembra-nos de que é de vidas partilhadas que se alimenta a nossa.

Ao ler quanto o André nos propõe nesta via-sacra, assaltou-me a vontade de abraçar a árvore, de libertar a criança que espartilho em mim, de iluminar o que me escurece. De olhar o outro com olhos de ver. De me querer peregrino na estrada da esperança. De desejar que a santidade seja uma possibilidade... para qualquer um de nós.

O autor, este André que conheço há mais de dez anos, veio à vida para nos aquietar, inquietando. É água que brota da fonte, é horta suada de orvalho, é maresia que se cola à pele e queremos lambe. Sal que tempera e, quando lágrima, lava a alma.

Manuel Luís Goucha

A INSÓNIA

O despertador tocou. Desnecessariamente. René já não dormia. Quem não dorme também não desperta. Não se desperta, a não ser do sono.

Há meses que se deitava com a memória da sua vida. Não a que vivera. A que gostaria de ter vivido. As memórias reais doem mais quando confrontadas com as que gostaríamos que o tivessem sido.

A cama, tão desfeita como a vida, recebia-o sem julgamentos, mas era com julgamentos que René se tapava. E destapava. E tornava a tapar. A insónia é o permanente tapa e destapa de quem julga. Os outros. A si mesmo. Julgar os outros é sempre julgar-se a si mesmo.

O sono de René nunca tinha sido pacífico, mas tudo piorara desde que Aurora o deixara. Há feridas que reabrem outras, assim como as há que fazem perceber que tantas nunca estiveram saradas. Desde que fora abandonado por Aurora, para René tudo era crepúsculo.

Só quem já viveu o ininterrupto crepúsculo percebe como pode pesar a vida. O dia que nunca chega a ser noite. A noite que nunca chega a ser dia. A iminência da noite, mais escura do que a própria. A iminência do dia, mais encadeante do que a certeza. E a Aurora que não volta.

René só conseguia pensar nisso.

Abandonou-me. Puxava o lençol para cima. *Aquela cabra abandonou-me.* Tapava-se até à cabeça. Testava a sua respiração debaixo de linho. Continuava vivo. Não era o pano que não o deixava respirar. Eram as dúvidas. As dúvidas sufocavam-no.

Terá encontrado alguém? Puxava o lençol para baixo. *Terá deixado de me amar?* *Será que alguma vez me amou?* Este é o perigo de uma dúvida mal dormida: acordamos sempre para a seguinte.

Quando o impulso assim mandava, René tocava no objecto que repousava ao seu lado. Havia na sua insónia a vontade de perturbar o descanso dos outros. Até o do telemóvel. O clarão que irrompia no quarto deixava claro o que René parecia não querer ver: Aurora não voltara.

Nenhuma mensagem, nenhuma chamada. Nada.

De cinco em cinco minutos, o impulso tornava a mandar. René obedecia. Aurora, não. O masoquismo de quem é deixado está no número de vezes que insiste em confirmar que o foi.

René aprendera-o com a primeira mulher da sua vida. A mãe. Haverá maior ferida do que a rejeição de uma mãe? Se as há que demoram a aceitar que o cordão se corte, também as há que nunca chegam a aceitar que o cordão as ligue. A mãe de René pertencia às segundas. Ela nunca o desejara. Nunca. Durante nove meses, houve um cordão a garantir que René o saberia. Pelo resto da vida, um abandono a acorrentá-lo. Pelo menos, era assim que René o sentia. Os filhos julgam sempre os pais, até que pais se tornem. Mas René não tinha tido a chance de realizar esse seu sonho. Aurora deixara-o antes de o seu amor poder dar frutos.

As voltas na cama traziam de volta tudo o que tentava esquecer. Tentar esquecer é a garantia de voltar a lembrar. A mente parece sempre encontrar forma de nos recordar aquilo de que fugimos.

René fugia da memória daquele bilhete. O adeus mais cobarde que já havia recebido. Até hoje, não o lera por inteiro. As expressões que os olhos dele filtraram tinham sido suficientes para decidir que Aurora era uma pessoa morta. E ali estava ela, mais viva do que nunca, a assombrá-lo.

«Querido René...» Como se trata por *querido* alguém com quem se termina por escrito? «Não sei como te dizer isto...» Mas sabia como o escrever. «Amo-te, mas...» Quando se ama, não há adversativas. «Sei que serás feliz.» René estava na merda.

Aquele adeus recordara-lhe o momento em que a mãe deixara o pai. Tinham chegado a casa, depois de um dia normal de escola e, quando entraram, não havia sinais da presença materna. A não ser um bilhete. O bilhete. René sentiu o espírito do pai deixar o corpo, que parecia empedernir a cada nova palavra que lia. «Que tens, pai? Pai, que tens?» «A tua mãe deixou-nos.» Os pais não têm de deixar os filhos quando se deixam um ao outro, mas naquele caso o abandono fora mesmo plural. A mãe de René nunca mais o procurou.

Naquele dia, René não perdeu só a mãe: perdeu também o pai. O homem brincalhão, assertivo e seguro deu lugar a um homem triste, instável e frágil.

Nesse tempo, não se falava de depressão, mas hoje René sabia que o pai tinha entrado num profundo estágio depressivo, do qual só se libertara quando o seu coração parara de bater.

A mágoa que o pai guardara à mãe e a falta que ela lhe fizera criaram em René uma arraigada desconfiança para com as mulheres. Ao mesmo tempo, inversamente, dependia delas para se sentir feliz. Depender daquilo de que se desconfia é a receita inabalável para a instabilidade. René provou da receita várias vezes. Em agressões, mentiras e traições. Até ter aparecido Aurora.

Aurora era diferente.

Aurora era carinhosa, dócil, gentil. Era presença. Era promessa e cumprimento. Era sonho e concretização. Mas Aurora também tinha uma história, e a dela dizia-lhe que nenhum homem a poderia alguma vez amar como René amava. E René percebeu, da maneira mais dolorosa, que o amor assusta quem não se ama a si mesmo.

Aurora era diferente. Até ter sido igual.

A insónia de René era esta, e ele só queria conseguir descansar.

A VIAGEM

O despertador voltou a tocar. Necessariamente. René estava atrasado.

Nunca se está atrasado para uma vida que já não se quer viver, mas René tinha rotinas a cumprir. Quando a paixão morre, a vida é só rotina.

Fez o que sempre fazia. Arrastou-se da cama, que deixou desfeita, regou as plantas que tinha no *hall*, tomou um duche, substituiu o pequeno-almoço por um café americano e arranjou por fora o que parecia não ter arranjo por dentro. Quando se olhou ao espelho, confirmou o que sabia: quem visse a fachada não adivinharia o estado da estrutura. A menos que o olhassem nos olhos. Mas quem é que, nos dias de hoje, se demora nos olhos de alguém?

Os atrasos na rotina eram compensados pela proximidade da sua casa do metro, que em poucas estações o entregava ao local de trabalho. A escada rolante estava avariada, mas a descida pareceu desenrolar-se como se não, tal era a languidez dormente com que a tristeza lhe comburia os movimentos. Passou o passe pelo pórtico e ouviu o *beep* que confirmava que tudo era hoje como tudo havia sido ontem.

Desceu outra escadaria, que o fez chegar à plataforma, do lado onde pararia a cabine do metro. Olhou para o painel que previa a sua chegada. Catorze minutos. As típicas esperas excessivas dos transportes públicos. René começou a caminhar pela plataforma, com destino ao extremo oposto. Procurando ocupar a mente com imagens que o distraíssem das que ela sempre lhe fazia recordar, observou algumas das poucas pessoas que àquela hora esperavam pelo metro.

Cruzou-se com um idoso que, frágil, deixou cair algumas moedas no chão. O tilintar das moedas não permitia álibis à anomia de quem passava. E, ainda assim, várias pessoas fingiram não ver. Uma jovem, com enormes *headphones* amarelos a

gritar a música que ouvia, correu em direcção ao velhote e baixou-se para o ajudar a recolher as moedas, provando que o único sentido que precisamos de ter apurado na vida é a empatia. René atravessou esta cena. A meio da plataforma, reparou num pombo, que invadira o local e que por lá caminhava. Também ele parecia esperar pela chegada do metro. Nas escadas do extremo da plataforma, para onde se dirigia, René não conseguiu evitar ver um homem que descia com um esplendoroso buquê de crisântemos na mão.

Porém, naquela manhã, os seus olhos pareciam insistir em demorar-se em imagens que lhe recordassem as suas feridas.

Quase chegado ao final da plataforma, René reparou num casal visivelmente apaixonado. Estavam sentados. Ele, no banco de pedra que brotava da parede. Ela, ao colo dele. Amavam-se com o olhar. René reconhecia aquela forma de olhar. Já a tinha visto em Aurora. Não conseguia alegrar-se com a alegria de um casal. Só conseguia sentir a tristeza de ter deixado de o ser. Estava accionado o gatilho da tristeza. Dos pensamentos compulsivos. Da voz que lhe recordava o abandono de Aurora e, consequentemente, o abandono da mãe.

Olhou novamente para o painel que previa a chegada do metro. Sete minutos. *Que bom! Mais tempo para pensar na vida*, queixou-se a mente. René estava farto de pensar na vida. Queria separar-se daquela voz que todos os dias o impedia de descansar. Queria calá-la. Silenciá-la.

Reparou numa barata que passeava pela linha amarela que separava o limite do fosso do metro da plataforma de espera. Imitou-a. Começou a passear-se pela linha. Pé ante pé. Um à frente do outro. A linha era a *passerelle* e René, o modelo que desfilava sobre todos os motivos que o faziam pender entre o fosso e a plataforma. Um passo em frente, um *flash* de Aurora. Outro passo em frente, o bilhete que ela lhe deixara. Novo passo em frente, um *flash* da mãe. Outro passo em frente, o pai a ler o bilhete que ela lhe deixara. René percebia agora a ironia daquilo em que se tinha transformado a sua vida nos últimos meses. Um conjunto de passos em frente que o transportavam sempre para trás. Já não havia separação entre o fosso e a plataforma. René era os dois. A linha já não era amarela. Era vermelha. E ele estava a pisá-la. A estrutura do metro começou a abanar, anunciando a chegada do protagonista. O som dos carris massacrados pelo peso do equipamento que sobre eles acelerava tornava-se cada vez mais ruidoso. Ao fundo, no escuro túnel, René fixou os olhos, ávidos por luz. Duas lanternas emergiram perseguidas por cada carruagem.

René pousou a mochila que carregava sobre a linha que pisava. Reclinou a

cabeça, abriu os braços e fechou os olhos. Sentiu o metro atravessá-lo. A rajada de vento. A vida. A morte. O sopro. Quando tornou a abri-los, reparou, intrigado, que o transporte tinha chegado, mas que a tela continuava a indicar sete minutos.

Às vezes, paramos no tempo. Outras vezes, o tempo pára connosco.

CARRUAGEM I

René recuperou a mochila que deixara sobre a linha amarela e, com o seu jeito impetuoso, fazendo valer a sua estatura, entrou na carruagem de metro que ficara estacionada junto a si. A do fundo.

Desde que a vida o amargurara, René passara a ser dos que entravam na carruagem quando os que se encontravam dentro ainda estavam a tentar sair. Uma evidente contradição com a pressa que não tinha de chegar ao trabalho. Mas René não o fazia por pressa. Ele nem sabia porque o fazia. Só sabia que aquela falsa sensação de poder o preenchia momentaneamente. Muito momentaneamente.

René chocou com uma mulher que tentava abandonar o metro.

— Idiota! — gritou a mulher.

— Desculpe, pode repetir? — retorquiu René, virando-se para trás para a confrontar.

— Repetirei as vezes que forem precisas até que acordes! Idiota!

René encostou-se à porta oposta. A que não abre durante a viagem. Ficou a ver o resto das pessoas sair. Lá fora, ordeiramente, outras aguardavam por entrar. Entre elas, permanecia imóvel a mulher com quem acabara de chocar. Olhava-o fixamente. René baixou o olhar, esperando que isso a dissuadisse de ali permanecer.

O número de pessoas à porta foi diminuindo à medida que entravam e se dispersavam pela carruagem, até só uma sobrar. A mulher. Ali parada, a olhá-lo, a falar-lhe com o silêncio. *Louca*, pensou René, quando nela reparou novamente. A porta fechou-se. René caminhou até à agora fechada porta, colou-se ao vidro, para que só a mulher conseguisse ver o que faria e, olhando-a com ar jocoso, deslizou o punho da cintura até ao peito e desdobrou o dedo do meio, num gesto obsceno

que lhe provocou novo prazer momentâneo. A mulher não tirou os olhos dos seus.

O metro andou até penetrar a escuridão do túnel que se seguia, deixando reflectida no vidro a única imagem que sobrara de toda aquela interacção: a de René sobre René. No final, é sempre com o nosso reflexo que somos deixados. René apressou-se a fugir do seu. Procurou o lugar mais próximo. Sentou-se junto de uma mãe e de um filho. Eles, lado a lado. René, em frente à mãe. Ao lado de René, um lugar vazio.

René começou a sentir-se observado pela criança. Pelo canto do olho, confirmou que ela o fitava.

— Mãe, mãe! Olha... — puxou a criança.

A mãe viu-se forçada a interromper a leitura do livro que a absorvia.

— Sim, filho?

— Olha, mãe! É o idiota!

René fulminou a criança com os olhos

— Acacius! Não se diz isso! — repreendeu a mãe.

— Chamas-te Acacius, puto? — perguntou René.

— Sim.

— Bonito nome! Acacius... — disse René com desdém.

A criança ficou a observar René, como se tentasse perceber o que ele tinha querido dizer com aquilo.

— Não liguês, filho. O senhor está zangado com a vida.

René estava empenhado em continuar a retribuição.

— Acacius, que idade tens?

— Faço hoje sete anos!

— Oh, que adorável! Parabéns, Acacius! Com esse nome, podiam ser setenta!

Acacius olhou para René com doçura. Sorriu-lhe. A criança não percebia a dimensão da raiva que René exteriorizara travestida de sarcasmo; mas a mãe, sim.

— Toma, filho. Joga no telemóvel da mãe. Não liguês ao senhor... É só um idiota. — A última frase disse entre dentes, para que apenas René a ouvisse.

— Desculpe!?

A mãe manteve-se completamente serena.

— Foi tal qual como ouviu: você é só um idiota.

— Mas hoje toda a gente tirou o dia para me chatear, neste metro?

— Até agora, só o vi a si a chatear os outros. Não pode esperar que eles não se defendam. Está de mal com a vida, resolva-se.

A mulher voltou à leitura do livro que trazia consigo.

O silêncio tomou conta daqueles lugares. Mas não por muito tempo.

O corpo de René e o dos seus dois temporários parceiros de viagem abanavam. O deles, com o metro. O de René, com a verdade.

Eu não estou de mal com a vida, disse René. Primeiro, no pensamento. Depois, em surdina. Finalmente, em voz alta.

— Eu não estou de mal com a vida!

A mulher voltou a interromper a leitura.

— Se vai usar esta viagem para desabafar, talvez o primeiro passo seja apresentar-se.

Estendeu a mão a René, com um sorriso compassivo.

— Salomé.

Pela primeira vez, René reparou verdadeiramente naquela pessoa e no que a imagem dela lhe transmitia. Terna, mas assertiva, Salomé era uma mulher de pele escura e olhos negros e reluzentes, que perfuravam a alma de quem tentasse esconder a sua. O frondoso cabelo era a coroa que ostentava do reino que assumia quando estendia a mão em tratados de paz. René não lhe conseguiu negar o acordo.

— René — apertou a mão de volta.

— Tem a certeza de que o seu nome não é idiota? — perguntou num tom amigável.

René não conseguia sorrir, mas foi o mais perto que se sentiu de o alcançar, em meses.

— Porquê toda essa vontade de chatear os outros, René?

— Eu não tenho vontade de chatear os outros.

— A senhora que ficou à porta discordaria de si...

— Eu estava com pressa!

— Com pressa de quê, René? Para onde vai com tanta pressa?

— Para o trabalho!

Salomé esboçou um sorriso enigmático.

— Deixar os que se encontravam cá dentro sair primeiro tinha-lhe atrasado o destino, René?

— Oh... você percebe.

— Não, não percebo.

Silêncio.

— René, pense no que aconteceu hoje com um sentido maior — disse Salomé, acompanhando a fala com um gesto amplo das mãos, no ar.

— Um sentido maior? — René imitou o gesto.

— Sim!

— Mas que sentido maior quer que eu extraia de uma entrada atabalhoada no metro, mulher?

— Pense comigo. O René entrou antes de deixar sair quem já cá estava.

— Sim, e então?

— Isso dificultou-lhe a entrada, não foi, René?

René permaneceu mudo. Salomé completou o raciocínio.

— Na vida, precisamos primeiro de deixar ir o que já não tem de estar. Só assim criaremos espaço para o novo. Se nos anteciparmos a este fluxo, chocaremos sempre com a nossa pressa.

— Ui... calma, Oprah, muita calma, que eu hoje não dormi!

— Hoje, René? — Salomé desafiou-o, como se soubesse, com toda a certeza, que mentia. — Há quantos dias não dorme?

René olhou-a intrigado.

— Não tenha medo. Não sou vidente. As suas olheiras denunciam-no!

— Não quero falar disso.

— As coisas de que fugimos perseguem-nos.

— Estou no metro, em andamento, acho que estou a salvo de ser perseguido.

— Não subestime o poder deste metro, René. Já aqui vi acontecerem coisas que, contadas, ninguém acreditaria!

— Eu estou a ter uma entrevista matinal com a Oprah. Eu acreditaria! — ironizou René. — No final, também me vai oferecer um carro?

— Que trauma foi esse que lhe chutou a infância para a vida adulta?

— Perdão?

— Não estava numa entrevista com a Oprah?

Salomé tinha a doçura e a acidez nas doses certas.

— Ouça, foi só um encontrão a uma mulher no metro, já está, já passou!

Finito!

— O encontrão, as provocações ao meu filho, as provocações à Oprah do metro...

— O seu filho é que me provocou primeiro!

Salomé soltou uma gargalhada.

— René, ele é uma criança!

— As crianças... as crianças sabem muito bem o que fazem, minha senhora!

— Ah, o cinismo adulto! Era o que temia. Chegou até si. Quando foi a última

vez que foi criança, René?

Aquela pergunta acertou-lhe em cheio. René lembrava-se. Tinha sido naquela tarde, no recreio, antes de chegar a casa e de ver o pai a encontrar o bilhete da mãe. Salomé parecia estar a ver as mesmas imagens que René recordava. Continuou, sem que ele lhe tivesse respondido.

— Pois é. Nunca sabemos quando será a última vez que seremos crianças, René. Só o sabemos depois de já o termos sido. E isso pode ser aos sete, aos dezassete, aos vinte e sete... em qualquer idade! Mas, se tudo correr bem, acabamos por descobrir que não tínhamos de deixar de o ser. Se aprendermos a viver, conservaremos sempre bem viva dentro de nós uma parte dessa criança.

— A minha morreu.

Salomé olhou-o com compaixão.

— Não morreu, René. Está só zangada com o adulto que a sequestrou. É por isso que chateia tanto os outros. Ela quer brincar, mas não sabe como. Então, provoca-os. Dá-lhes encontrões. Chama-lhes nomes. Mas ela está só a perguntar à criança que mora neles se a vêem e, sobretudo, se ainda vai a tempo de ser aceite na equipa.

— De onde é que você saiu, criatura?

— Ora cá está ela, ainda aos encontrões!

Por momentos, Salomé voltou ao livro. René ficou absorto no rescaldo daquela primeira interação. Estranhava o rumo que a conversa tinha tomado, mas não conseguia evitar pensar no que acabara de ser dito.

— O adulto que a sequestrou — repetiu René.

Salomé olhou para ele.

— Fui eu? — perguntou René.

— Tem sido.

— Está enganada.

— Estou?

— Foram os meus pais. Foram eles que falharam à criança que eu fui. Não fui eu.

— É mais fácil acreditar que sim.

— Mais fácil? A senhora tem alguma ideia daquilo que eu vivi?

— Todos vivemos algo de que ninguém tem ideia, René.

René irritou-se com aquela afirmação e, num tom mais elevado do que aquele que se espera de uma conversa com uma estranha no metro, disparou:

— Pois bem, estou-me nas tintas para o que os outros viveram! Eu conheço a

minha dor. É minha! De mais ninguém. Ninguém a sente como eu. É com ela que tenho de me deitar todos os dias. Quer saber o que é sofrer? Eu conto-lhe o que é sofrer.

René inclinou-se para a frente, com o rosto a ruborizar e, indiferente ao olhar incomodado de alguns passageiros que começavam a reparar no seu comportamento exacerbado, continuou:

— A minha mãe abandonou-me! Deixou o meu pai e assumiu que isso incluía deixar-me também a mim. Mas espere, espere! Não atire já uma das suas frases inspiradoras para o ar, porque piora. Vivi o suficiente para saber que piora sempre! O meu pai nesse dia deixou de ser quem era. Com poucos anos, fiquei órfão de mãe e de pai. Uma não quis saber de mim, o outro não conseguia saber de mim. Aí tem, Salomé, os dois adultos que *sequestraram* a minha infância. Foram *eles*, não fui *eu*.

Salomé sorriu compassivamente. A criança tinha pousado o telemóvel em que jogava e parara a contemplar René. Levantou-se. Abraçou-o. René ficou sem reacção. Recebeu o abraço, mas não o devolveu. «Novo nível alcançado», anunciou o jogo de Acacius. O rapaz entregou o telemóvel à mãe.

— Mãe, não quero jogar mais. Posso ir correr?

— Claro, filho, mas só nesta carruagem. Já conheces as regras.

A criança levantou-se e precipitou-se pelo corredor. Àquela hora, o metro não estava sobrelotado. Havia espaço para a criança se divertir.

René ainda estava a digerir a força do seu desabafo e as estranhas consequências que este tivera.

— Soube-lhe bem, René?

— O quê?

— Culpar os seus pais. Soube-lhe bem?

— Dizer que os culpo, soube.

— Já alguma vez o tinha dito?

— Não, nunca, só a mim mesmo.

— Óptimo, esse é o primeiro passo. E agora?

— E agora o quê?

— Que quer fazer com isso?

— Que quero fazer com isto!? — René repetiu a pergunta, parecendo não a ter compreendido.

— Andava a senti-lo e a reprimi-lo há uma vida! Já o verbalizou. E agora, René? O que sobra da culpabilização?

— Raiva. Sobre raiva.

— Fantástico!

— Fantástico!? Você não é boa da cabeça.

— Eu não estou aqui para falar das culpas ou desculpas dos seus pais, René. Eu estou aqui para falar do que sente. E o René sente raiva. Raiva do que eles lhe fizeram. A raiva por expressar transforma-se sempre em raiva autodirigida. A raiva mal expressa, em mais culpa e mais raiva. E agora, René? Como saímos daqui?

René apontou para o letreiro do metro que anunciava as estações.

— Quando a voz da senhora do metro anunciar que cheguei ao meu destino, que espero que esteja para breve, pois estou farto desta conversa!

A criança continuava a correr de um lado para o outro. Os passos distanciavam-se e aproximavam-se, sucessivamente, martelando o tempo, e a pouca paciência de René. Ora mais distantes e ensurdecidos, ora mais próximos e audíveis.

Tum, tum, tum, tum, tum.

Tum, tum, tum, tum, tum.

— Desculpe, acha bem que o seu filho ande a correr pela carruagem?

— Junte-se a ele, René. Fazia-lhe bem!

— Não me diga... está aí a cura para a minha raiva?

— Está aí a cura para muitos dos seus problemas!

Tum, tum, tum, tum, tum.

Tum, tum, tum, tum, tum.

— Que tipo de mãe deixa o filho assim? Não vê que ele está a perturbar os outros?

— Engraçado. Na psicologia, diriam que isso se chama *projecção*, René.

Salomé inclinou-se para a frente.

— Aquela criança incomoda-o tal como o incomoda qualquer pessoa que lhe lembre a leveza que a sua infância lhe roubou, porque o René está mal resolvido com essa sua ferida.

Tum, tum, tum, tum, tum.

Tum, tum, tum, tum, tum.

— Os seus pais até podem ter tido culpa, mas o mundo não tem, pois não, René? E mesmo que tivesse... até quando quer continuar a apontar culpas e a demitir-se de responsabilidades? Até quando quer contar a si mesmo a história das suas dores, em vez de escolher o que pretende fazer com elas? Nós somos o que nos aconteceu, mas somos sobretudo o que escolhemos fazer com isso.

Tum, tum, tum, tum, tum.

Tum, tum, tum, tum, tum.

— Como é que eu, uma criança de poucos anos, podia ter escolhido, Salomé!?

— A criança não podia, mas o adulto pode, René.

— Eu tive de ser adulto cedo, Salomé! Eu tive de matar a criança que era, para conseguir ser o adulto que sou.

— Está a ver? Não foram os seus pais que lhe sequestraram a infância. Foi o René!

— Mas eu tenho culpa disso!?

— E eu alguma vez falei em procurar culpados? Isso é coisa de criança ferida.

— Está a chamar-me criança?

— Se a carapuça serve...

— Há pouco, era um adulto sequestrador, agora sou uma criança ferida? Qual dos dois sou afinal? Decida-se!

— Os dois, René. Enquanto for um adulto sequestrador, será sempre uma criança ferida.

Tum, tum, tum, tum, tum.

Tum, tum, tum, tum, tum

— O René fez o melhor que sabia com o que lhe aconteceu. Reagiu ao abandono como soube. Sequestrou a sua criança interior. Prendeu-a no alçapão da sua alma, deixou de a visitar, de conversar com ela, de a alimentar. É uma sorte ela ainda estar viva.

— Foi há muito tempo, Salomé. Confie em mim: ela morreu. Eu matei-a.

— Sabe porque não me importo que me chame Oprah do metro, René? — Salomé sorriu. — Porque sei que é a criança a gritar socorro directamente do alçapão. Ela está viva!

Tum, tum, tum, tum, tum.

Tum, tum, tum, tum, tum

— Sabe, René, essa é a magia da nossa criança interior... Ela subsiste, mesmo nas mais adversas condições.

— Partindo do pressuposto de que ela está viva... como posso resgatá-la?

— Sendo um adulto saudável! Ser adulto é isso, René. É escolher o que a nossa criança não pôde, nem soube, escolher melhor. Não é sequestrá-la. Muito menos matá-la. É guiá-la!

— Mas os meus pais...

— Os seus pais não estão aqui agora, René. Chegou a vez de ser pai e mãe de si

mesmo. Vai ser um pai negligente ou cuidador? Vai criar uma criança interior presa e ferida ou livre e feliz? A escolha é sua.

Tum, tum, tum, tum, tum.

Tum, tum, tum, tum, tum

— Mãe!

— Sim, filho?

— Estou cansado de correr.

— Acho que não és o único. Senta-te aqui, descansa. É tempo de descansares.

A mãe devolveu o telemóvel ao filho e tornou a mergulhar no seu livro. René reparou no título. *Shutter Island*, de Dennis Lehane. Tinha jurado que não abriria mais a boca. Estava exausto e ainda não tinha conseguido perceber de onde tinha surgido toda aquela intensa conversa com aquela estranha, mas, quando viu o livro, não resistiu a perguntar:

— Chegou a perceber se o que ele viveu foi ou não real?

— Só encontrou duas possibilidades na história? Talvez esteja a precisar de a reler.

— Há mais do que uma resposta?

— É esse o problema dos adultos, René. Julgam sempre que a resposta é isto ou aquilo e, muitas vezes, a resposta é isto *e* aquilo. As crianças sabem-no. Para as crianças, *tudo* é real.

— Acacius... a tua mãe é chata!

Abanando a cabeça, Salomé sorriu.

— Ai, René, René... vai ser uma longa viagem.

— Não vai, não, que mais algumas estações e eu saio!

As poucas estações que faltavam foram vividas em silêncio.

O metro começou a abrandar, pela última vez, antes de chegar à estação onde René saía. Ele levantou-se. Salomé apercebeu-se de que ele se preparava para sair e resolveu deixar-lhe umas últimas palavras.

— Não fuja do que está por resolver. E não descarregue nos outros o que não está resolvido em si. Até porque a vida tem uma estranha forma de nos trazer de volta tudo o que estiver por consertar.

O som das portas a abrirem-se indicou-lhe que era tempo de ir. No momento em que ia a sair, alguém se antecipou e entrou, embatendo contra si.

— Idiota — disparou René, enquanto saía e se virava para trás, para ver quem tinha sido o responsável.

A mulher. A mesma mulher da primeira estação. Como era possível?

— Ei... Ei! — René tentou correr para a porta, mas os três *beeps* que anunciavam que iria encerrar-se fizeram-se ouvir, e ela fechou-se. A mulher não tirava os olhos dele. Era como se nunca tivesse deixado de o ver. Olhando-o com ar jocoso, deslizou o punho da cintura até ao peito e desdobrou o dedo do meio, no mesmo gesto obsceno que minutos antes lhe tinha sido dirigido a si. René reparou, então, nas minuciosas letras pretas que a *T-shirt* branca que ela trazia vestida tinha estampadas: «Tudo o que vai volta.»

CARRUAGEM II

René estava deitado de olhos abertos a contemplar o tecto. Não se lembrava da última vez que os tinha fechado. Quando estamos profundamente tristes, o novo dia deixa de saber a novidade. Esta era uma nova manhã, mas não era um novo dia. René continuava a sentir-se como na véspera.

Calou o despertador e cumpriu o seu automatizado e arrastado ritual matinal. Cama por fazer, plantas regadas, duche tomado, café a forrar o estômago. Continuava atrasado para a vida que não queria viver.

René era o seu próprio dono. E, mesmo assim, conseguia atrasar-se nos horários que estabelecia para si. Tinha a vantagem de poder sair de casa a horas menos lotadas nos transportes, e a desvantagem de ser ele a fazer essa gestão. René não era feliz no que fazia. Bom, sim; feliz, não. O pai tinha sido contabilista. Prestara serviços a várias empresas e particulares. René seguira-lhe as pisadas. Todos os dias lhe seguia o trilho, repetindo um caminho que não era o seu.

Sem grande vontade, saiu de casa. Dirigiu-se ao metro. A escada rolante estava novamente avariada. Desceu a escadaria, com a mesma languidez da véspera. Passou o passe pelo pórtico e ouviu o *beep* que confirmava que tudo era hoje como havia sido ontem. Desceu outra escadaria que o fez chegar à plataforma, do lado onde pararia a cabine do metro. Olhou para o painel que previa a sua chegada. Sete minutos. *Curioso*, pensou René.

Para entreter a espera, René começou a caminhar pela plataforma, com destino ao extremo oposto. Cruzou-se com um idoso que, frágil, deixou cair algumas moedas no chão. René abrandou a passada. Não tinha ele já visto isto antes? Sem que tivesse tempo para processar a estranheza que estava a sentir, uma jovem, de *headphones* amarelos a gritar a música que ouvia, correu em direcção ao velhote e

baixou-se para o ajudar a recolher as moedas. René atravessou esta cena. Seguiu em frente, mas a sua cabeça olhou para trás, procurando processar o que acabara de se passar. Ia jurar já ter vivido isto.

Quando olhou novamente em frente, deparou-se com um pombo que invadira o local e que por lá passarinhava. Também ele parecia esperar pela chegada do metro. René abrandou ainda mais o passo. Reparou que o pombo estava a meio da plataforma, como na véspera. Continuou a caminhar, lentamente, tendo como destino o fim da plataforma.

Vindo das escadas do lugar para onde se dirigia, René não conseguiu evitar ver um homem que descia com um esplendoroso buquê de crisântemos na mão. René parou de andar. Esfregou os olhos, como se tivesse acabado de acordar. Com o corpo parado no mesmo ponto, girando sobre si mesmo, acompanhou com o olhar o percurso do homem de buquê. *Que raio...*, disse a si mesmo. Virou-se novamente para o final da plataforma e tornou a caminhar rumo a ele.

Quase lá chegando, reparou num casal visivelmente apaixonado. O casal. Estavam sentados. Ele, no banco de pedra que brotava da parede. Ela, ao colo dele. Amavam-se com o olhar. René reconhecia aquela forma de olhar. Já a tinha visto em Aurora. E já a tinha visto no dia anterior. Espantado, procurou na mente a recordação do que se seguiria e, ao mesmo tempo, dirigiu o olhar para a linha amarela que separava o fosso da plataforma do metro, e lá estava ela, a barata da véspera, a desfilar.

René abanou a cabeça. O seu cérebro estava, certamente, a pregar-lhe uma partida. Como poderia ser de outra forma se agora praticamente não dormia?

Ficou de pé, a aguardar a chegada do transporte. Olhou novamente para o painel que a previa e a sensação de *déjà-vu* adensou-se. Sete minutos. *Que estranho... estará avariado?*, pensou. A resposta chegou no minuto seguinte.

O metro fez-se ouvir. René ficou a aguardar que o transporte estacionasse na estação. Tencionava entrar na mesma carruagem em que entrara na véspera. A do fundo. O veículo começou a abrandar e a carruagem, a entrar no seu campo de visão.

Para seu espanto, dentro da carruagem vinha a mesma mulher com que ele propositadamente colidira no dia anterior. Trazia vestida a mesma roupa. A mesma *T-shirt* branca. Confuso, René olhou em volta dela, procurando identificar pessoas que reconhecesse do dia antecedente. Podia jurar que tudo estava tal como na véspera. Instintivamente, ainda do lado de fora, lembrou-se de procurar pelas duas pessoas que reconheceria sem hesitar. Através das janelas, olhou para o lugar

onde estivera sentado com Salomé e Acacius. E ali estavam eles: nos mesmos sítios, com as mesmas roupas, com o mesmo ar.

René sentiu um arrepio pelo corpo. Recuou alguns passos. O metro parava em câmara lenta. Os pensamentos de René disparavam acelerados. *Deve ser impressão minha... só pode ser impressão minha.* René estava assustado.

Sentiu vontade de entrar na mesma carruagem, para perceber o que aconteceria. Contudo, a inquietante sensação de repetição que o momento lhe causava fê-lo hesitar. Sobretudo quando pensava na estranha e final interacção que tivera com a mulher da *T-shirt* branca.

Confuso, René começou a deslocar-se para a carruagem seguinte, sem nunca tirar os olhos da primeira. A curiosidade por perceber o que se passava fazia-o olhá-la. A estranheza que sentia fazia-o querer vê-la à distância. O metro parou. As portas abriram-se e, do interior da segunda carruagem, uma grave e afinada voz cantava.

*I've seen the light
And I've seen the flame
And I've been this way before
And I'm sure to be this way again*

René seguiu a melodia e entrou na segunda carruagem, sem tirar os olhos da primeira. Na sua mente, surgiu um clarão de memória da sua conversa com Salomé.

— *As coisas de que fugimos perseguem-nos.*
— *Estou no metro, em andamento, acho que estou a salvo de ser perseguido.*
— *Não subestime o poder deste metro, René. Já aqui vi acontecerem coisas que, contadas, ninguém acreditaria!*

René contou cada segundo, até que os três *beeps* se fizessem ouvir, anunciando o fecho das portas.

*For I've been refused
And I've been regained
And I've seen your eyes before
And I'm sure to see your eyes again
Once again*

Beep, beep, beep. Vrum. René estava a salvo. De quê? Não sabia. Só sabia que se sentia mais seguro por ter entrado na segunda carruagem.

Dirigiu-se ao lugar que chamou por si. Sentou-se. Sem saber, estava a escolher o seu lugar no espectáculo do artista que então actuava. O proprietário daquele grave e afinado tom que conduzira René até àquela carruagem.

René observou-o. Alto, cabelos negros desgrenhados disfarçados por baixo de um chapéu fedora bordô, barba por fazer, manga cava preta estampada com a frase «Time waits for no one» a desaguar em calças bordô largas, entaladas nas botas pretas que encerravam magistralmente o conjunto.

Vinha de guitarra ao peito, a tocar os acordes que guiavam a letra que cantava.

For I've been released

And I've been regained

And I've sung my song before

And I'm sure to sing my song again

Once again

Neste espectáculo não solicitado, o público só pagava bilhete depois de o ouvir. E era se quisesse! Muitos queriam. As pessoas iam colocando o dinheiro que sentiam vontade de dar na bolsa que, estrategicamente, o artista trazia à cintura.

René reparou no efeito que aquela actuação tinha no seu público. Era como se a passagem daquele homem pelos lugares das pessoas as despertasse de uma espécie de sono colectivo em que se encontravam. O sono da rotina.

Some people got to laugh

Some people got to cry

Some people, they got to make it through

And never wondering why

Vindo do fundo da carruagem, caminhava pelo corredor central, recebendo da esquerda e da direita os olhares, os sorrisos, as moedas e até as notas de quem assim o ovacionava. *Os aplausos possíveis*, pensou René.

Involuntariamente, René foi transportado para a festa da escola em que descobrira a sua paixão pela música. Foi no palco que René sentiu que a vida deixava de doer. René sabia tocar guitarra, mas era com a sua voz que actuava. A

voz era o seu instrumento. Mais tarde, chegou a ser desafiado por amigos a integrar uma banda, como vocalista, mas o peso que sentia de cumprir os estudos à primeira, para poder assumir as funções do pai e salvá-lo de si mesmo, acabou por lhe tolher as asas. Já nos tempos de escola, René abdicava de ir aos ensaios, para ir mais cedo para casa e se certificar de que o pai estava bem. Era René quem lhe fazia as refeições e que garantia que ele se alimentava convenientemente. Na faculdade, o aumento da dificuldade dos estudos e da pressão que sentia por os cumprir fê-lo acabar por desistir da sua arte. A voz era o seu instrumento e René sentira-se forçado a guardá-lo.

E ali estava o artista que podia ter sido a ser público de um que o era. O músico aproximava-se agora do seu lugar.

*Some people got to sing
Some people got to sigh
Some people (some people), they never see the light
Until the day...*

O artista interrompeu a letra e a melodia no momento em que o seu olhar se cruzou com o de René. Foi lá que permaneceu. Mal a actuação parou, o público voltou todo, de imediato e em simultâneo, ao estágio adormecido da rotina. Olhos nos telemóveis, nas janelas ou no vazio. A coreografia do tédio, na dança do dia-a-dia. O olhar do músico não se desprendia do de René, que não demorou a ficar incomodado. Olhou para os lados e para trás, tentando encontrar o verdadeiro motivo de ele ali ter permanecido, para de novo voltar a olhá-lo e perceber que o motivo era ele. O artista sorriu.

— Um artista sabe sempre reconhecer outro.

— Perdão?

— É de artista saber causar aparato. Tu aqui já és conhecido pelo teu!

— Não estou a perceber...

— Deixa lá. A letra de uma canção não precisa de ser percebida para que seja compreendida.

— Ah, já estou a ver... és dos que dão nos ácidos.

O músico soltou uma gargalhada, enquanto despia a guitarra e se sentava ao seu lado.

— Tu és divertido, pá!

René olhou-o com ar de quem recriminava a decisão de este se sentar ao seu

lado.

— Com que então dou nos ácidos?

— Se não dás, parece.

— Eu é que dou nos ácidos, mas tu é que pareces estar a ter uma *bad trip*.

— Bem, isso podia explicar muita coisa...

— Precisas de explicações?

— Preciso de sair deste metro.

— Relaxa. Não é por termos pressa que aceleramos o destino.

— O meu destino não é estar neste metro.

— Que sabes tu sobre o teu destino, René? — O músico olhou-o, esperando uma resposta que não veio. Estendeu-lhe a mão. — Nathaniel, mas podes chamar-me Nathan, que eu prefiro.

— René, mas podes não me chamar de nada, que eu dispenso esta conversa.

— Quem dispensa conversar não se apresenta, René.

— Tu não tens um espectáculo para dar?

— Eles já conhecem o meu repertório de cor. Mas tu... tu és novo aqui.

— Eu ando neste metro todos os dias.

— Neste não, René. Neste, nunca te vi.

— Todos os dias! Faz parte do acto masoquista que escolhi para mim.

— Que acto foi esse?

— Seguir as pisadas do meu pai. — René fez um breve silêncio seguido de um esgar sarcástico. — Quão estúpido é seguir o rasto de quem se encontra perdido?

— Consideravelmente estúpido.

— Ei! Sabes o que é uma pergunta retórica? — perguntou René, indignado.

— Desculpa. Não seria artista se não te tentasse dar uma resposta. É disso que nós vivemos, René. Da interrogação e da busca.

René ficou a pensar naquela afirmação.

— Mais da interrogação ou mais da busca?

— De uma que leva à outra, num interminável círculo vicioso. É o que nos faz viver.

— Pois... eu acho que me fiquei pelas interrogações. Nunca me lancei na busca.

— Não é tarde, René.

— Eu tenho quarenta e sete anos, Nathaniel. É tarde.

— Com essa postura, qualquer idade seria demasiado tarde.

— Esta postura?

— De vítima.

René soltou um novo esgar. Já não lhe bastava ter ouvido Salomé?

— Às vezes, fazemo-nos de vítimas. Outras vezes, é a vida que nos faz! — respondeu, dispersando o olhar pela carruagem, fingindo indiferença.

— René, todos somos vítimas! É a forma como encaramos as nossas dores que faz de nós público ou artistas.

— Nem todos nasceram para cantar, Nathaniel.

— Mas todos nasceram para viver.

— A vida dói, Nathaniel.

— Não há arte sem dor, René. Viver é a maior das artes. E, nessa, todos podemos deixar a nossa assinatura.

Seguiu-se um momento de silêncio. René não conseguia disfarçar as rugas de estranheza que transportava na sua testa franzida. Que se passava de errado com aquele metro? Que raio de conversa profunda era aquela que estava a ter, novamente, com um estranho?

— René, eu vi.

— Viste o quê?

— O teu olhar. Ele disse-me que tu querias estar no meu lugar. Que lhe pertences. Quando foi que morreu esse sonho?

— Quando o meu pai precisou de mim. O meu pai ficou profundamente destroçado depois de a minha mãe nos ter deixado. Isso afectou todas as áreas da sua vida. E, pronto, tive de me fazer contabilista, para garantir que o negócio dele não ruía consigo.

— Valeu a pena, René?

— Não sei. Estou numa fase em que sinto que nada valeu a pena.

— O teu pai melhorou?

— Não. Degradou-se mais.

— Calculei. Assumiste o seu lugar, que é o mesmo que dizer que te substituíste a ele.

— Que devia ter feito? Deixá-lo a perder-se?

— Deixá-lo a encontrar-se.

— Abandonar um pai não faz parte da minha essência.

— Abandonar um filho fazia parte da dele?

René ficou mudo de tão intrigado com a pergunta. Sem lhe permitir tempo para interrupções, Nathaniel prosseguiu.

— Não precisavas de o ter abandonado, René. Só precisavas de não te ter

abandonado a ti. Diz-me uma coisa: o teu pai era feliz na profissão que tinha?

— Não.

— Por que motivo a tinha escolhido?

— Por causa do meu avô.

Nathaniel sorriu, como se tivesse ouvido exactamente a resposta que previra.

— Não te apercebes, René? O filho abdicou de si, em nome do pai que abdicou de si, em nome do avô que, provavelmente, também abdicou de si.

— Eu só queria ajudar o meu pai a lembrar-se de quem era.

— Como podes lembrar alguém de quem é se para isso for preciso esqueceres-te de ti?

— OK, definitivamente tu dás em ácidos.

— Sabes, René, o problema de um filho querer resgatar o pai daquilo de que só um pai se pode resgatar é este: o filho acaba no mesmo fosso.

— Que deveria eu ter feito? Havia contas para pagar! A música era incerta; a contabilidade, não.

— A tua vontade de a seguir era incerta. Não culpes a música, René.

— Eu não tive escolha.

— Temos sempre uma escolha.

— Talvez tu tenhas tido; eu, não.

Nathaniel pegou na guitarra e entregou-a a René, que, espantado, observou o gesto.

— Toma. Anima este metro. Toca e canta.

— Tu estás doido?

— Toca, René.

— Não.

— Que te impede? Canta, René!

— As pessoas vão achar que eu sou louco!

— Toca, René! Canta!

— Não!!! — René gritou, empurrando a guitarra de volta para o seu dono e, involuntariamente, passando os dedos pelas cordas, fazendo soar um brusco som que ecoou por toda a carruagem. O grito da guitarra era o grito de René.

Os passageiros interromperam novamente o sono da rotina e, num silêncio sepulcral, todos puseram os olhos em René. Por breves instantes, ele era o artista e eles, o seu público. Aguardaram, expectantes, que algo mais surgisse. Na ausência de novidade, voltaram à dormência do vazio.

— Vês, René? Estão todos sedentos de arte. Estão todos sedentos de verdade.

Estão todos sedentos de ti. Sempre que um de nós descobre a sua verdade, permite ao outro que se inspire e que faça o mesmo.

— Nathaniel, isso é tudo muito bonito, mas no mundo real há problemas! Há contas para pagar!

— Vais mesmo insistir na desculpa do dinheiro?

— A desculpa?

— Há quantos anos ouves falar de crises, René? Tens memória de não viver numa?

René não conseguiu contrapor.

— Incutiram-nos o medo, sem perceberem que o medo é o nosso maior libertador! Se estamos sempre em crise, se tudo é instável, se tudo nos mete medo, não vale mais viver o medo de seguirmos os sonhos do nosso coração?

— Nunca pensei nisso dessa forma.

— E se correr bem?

— E se não correr?

— Se não correr, terás a certeza de saber que tentaste tudo o que estava ao teu alcance. Não há nada pior do que o «se», René. O «se» é o eterno purgatório dos sonhos. Mas, René, vou contar-te um segredo: quando sonhas com o coração, a vida sonha contigo.

— O meu pai teve de se sacrificar pelo meu avô, pela minha mãe e por mim. Era a minha função fazer o mesmo.

— Ah, o sacrifício. A desculpa do herói!

— Que herói? Se tu soubesses como me sinto...

— Se o teu pai se sacrificou mesmo por ti, achas que foi para que te demitisses de seres quem nasceste para ser?

— Mas tu, afinal, acreditas na escolha ou no destino?

— Acredito na escolha de seguirmos o nosso destino.

— E o que é o nosso destino?

— O nosso dom. Todos temos um, René.

— Todos? Acreditas mesmo que cada pessoa nesta carruagem tem um dom? Olha bem para eles, Nathaniel...

— Não é agora que se vê isso. É quando eles me olham, enquanto canto.

— Ui, que o artista tem ego! Temos diva...

— Não é isso, René. Sempre que as pessoas estão perante o dom de alguém, despertam para o seu.

René ficou pensativo.

— Imagina, René, se o teu dom for escrever e fores ver uma peça de teatro com actores a viver o seu dom de representar, vais sair de lá cheio de vontade de escrever sobre isso. Se o teu dom for falar, vais querer comunicar sobre isso. Se o teu dom for cantar, vais querer cantar sobre isso. E assim sucessivamente. O dom inspira o dom. Sempre. É por isso que temos a responsabilidade de viver o nosso.

— É impossível o mundo inteiro viver do seu dom.

— Não é. Vamos lá chegar. Nós nascemos para ser artistas. Livres. Verdadeiros *performers* da arte de viver no palco Terra. Mas, enquanto não chegamos lá, que nos impede de viver o nosso dom, em paralelo com o resto? Diz-me. Que te impediu de, até hoje, teres tido o teu trabalho dito *estável* e de, aqui e acolá, teres ido vivendo o teu dom, René?

— A falta de tempo.

— Outra desculpa!

— Para ti, são tudo desculpas!

— Até que deixem de o ser. Primeiro, é porque somos muito novos, depois é porque temos de ser sérios, depois é porque somos sérios de mais, a seguir é porque temos filhos para criar, depois é porque somos demasiado velhos e, um dia, é porque já não somos. *Puff*. Foi-se a chance. Foi-se o dom. «Falhámos a vida, menino.»

— Para ti, que é isso do dom, Nathaniel?

— É a centelha que te habita. Foi-te dada. Mas sabes qual é a maior ironia dos nossos dons, René?

— Qual?

— Eles só são nossos quando os partilhamos.

René ficou introspectivo.

— René, tu podias ter escolhido o teu pai, sem teres abdicado de ti. Mas tu preferiste uma vida sem música.

— Ele ensinou-me a vida sem música. A minha mãe deixou-nos. Do dia para a noite, a pauta dele ficou vazia.

— É essa a importância de vivermos o nosso dom, René. Se o teu pai soubesse qual era a centelha que o habitava, nenhum dilúvio o poderia ter apagado. Esmorecido, sim; apagado, não.

René parecia ceder aos argumentos do músico.

— Talvez tenhas razão, Nathaniel. O meu pai não sabia quem era sem a minha mãe. Nunca soube. Fez a sua felicidade depender dela e vê bem no que deu...

— Se o teu pai tivesse vivido o seu dom, teria vivido o seu propósito. E, René,

não há nada melhor do que uma vida vivida *de propósito*.

René permaneceu calado. Nathaniel respeitou-lhe o ritmo. Ele sabia que uma boa música era composta de som e silêncio.

A conclusão que René extraía sobre o pai estava a agitá-lo. Durante anos, vira a mãe como a causadora da destruição do progenitor. Isentara-o da responsabilidade que este tivera na sua própria vida. Mas a conclusão da conversa com Nathaniel não o deixava mais fugir da verdade. «O meu pai não sabia quem era sem a minha mãe.»

E René? Não tinha sido precisamente isso que ele tinha sentido quando a mulher da sua vida resolvera deixá-lo? Quem era este homem que, aos quarenta e sete, se sentia ninguém desde que aquela mulher o deixara? Quem podia ter sido ele até ela chegar? O que o fazia feliz? O que o realizava? Qual era o seu dom? Que propósito de vida era o seu?

O pior era que René conhecia as respostas, mas durante quarenta e sete anos fugira daquelas perguntas. Seria tarde de mais para as fazer? Seria mais tarde ainda para lhes responder?

O metro aproximava-se da estação onde René desaguaria. René levou a mão ao bolso. Extraiu o que tinha e estendeu-o ao músico.

— Toma. É tudo o que tenho comigo.

Entregou-lhe sete euros.

Nathaniel olhou-o e sorriu. Também ele levou a mão ao bolso, de onde tirou um bilhete dobrado que estendeu a René.

— Toma.

O metro começou a abrandar.

— Que é isto?

Nathaniel continuou a sorrir.

— O troco.

O metro parou.

Nathaniel colocou a guitarra ao peito, deu uma palmada amigável no ombro de René e seguiu caminho pela carruagem, cujas portas se abriam e davam lugar à saída e entrada de passageiros.

De olhos postos no bilhete, René saiu lentamente do vagão, enquanto o desdobrava. Quando leu o que dizia, ficou petrificado.

AURORA

Do latim aurora.

Parte do dia que precede o nascer do sol.

Primeira luz da manhã.

Princípio de vida.

Amanhecer.

Despontar.

Raiar.

René levantou os olhos do bilhete. Atónito, olhou para trás, na direcção da carruagem de onde saíra e onde agora as últimas pessoas que haviam entrado se acomodavam. Procurava Nathaniel com o olhar. Sem sucesso. *Beep, beep, beep*. As portas fecharam-se. *Vruuum*. O metro arrancou.

O CONFRONTO

Na manhã seguinte, de olhos fixos no tecto e com o bilhete que Nathaniel lhe entregara sobre o peito, René enfrentava outra das suas insónias. Se habitualmente os pensamentos de René não o deixavam descansar, depois do encontro com o músico tudo piorara. Por que motivo tinha Nathaniel dado um bilhete a René com o significado do nome Aurora? Saberla o músico da importância que aquele nome tinha na sua vida? Que mensagem lhe estaria a querer transmitir? E que explicação haveria para os estranhos encontros e reencontros que andava a ter naquele metro?

René estava determinado a encontrar respostas. Pela primeira vez em meses, sentia vontade de que o despertador tocasse e lhe indicasse que estava na hora de voltar para o metro. Aquele metro. René já tinha decidido: ia procurar por Nathaniel e confrontá-lo com as suas dúvidas.

O despertador tocou, mas René já se encontrava de pé. A cama continuava desfeita, como em todos os dias anteriores, e o pequeno-almoço continuava a ser aquele café americano que lhe forrava o estômago, disfarçando a ausência de qualquer outro alimento. Contudo, os motivos do desleixo agora não eram a languidez da rotina, mas antes a ânsia por respostas.

Depois de ter tomado o seu duche e de se ter vestido, René passou pelo aparador de madeira do *hall*, onde regara as plantas que por lá tinha e onde deixara pousado o bilhete que Nathaniel lhe entregara, antes de cumprir os seus rituais matinais. Pegou no bilhete, releu-o e, condicionado pela presença do nome, olhou para as várias fotografias emolduradas e expostas com Aurora. Quem entrasse lá em casa julgaria que eles ainda estariam juntos. Para René, era simples: ela tinha morrido, e todos nós temos fotografias com os nossos mortos.

René e Aurora eram aquilo que alguns classificariam de almas gémeas. Embora as suas primeiras interações tenham sido virtuais e muito alinhadas com os tempos contemporâneos, o seu primeiro encontro foi a recordação de tempos ancestrais que os ligavam. Não sabiam quando, nem onde, nem como, mas sabiam que as suas almas já se tinham conhecido. «Noutra vida», dizia-lhe Aurora. Ela acreditava nisso. Ele acreditava nela. Dos dois, Aurora fora a primeira a sentir essa certeza. Dos dois, a primeira a traí-la.

Aurora nunca magoara René na forma como se relacionara com ele. Aurora só o ferira na forma como o deixara. Ao fim de um ano e sete meses, René falou-lhe de casarem e viverem juntos. Quando moramos em alguém, já vivemos juntos, mas Aurora assustou-se com a ideia. Os medos da mente podem sabotar as vontades do coração. Enquanto dizia que sim com o seu, Aurora preparava o não com a sua. Levava plantas que deixava no *hall* de René. Oferecia-lhe molduras com fotografias deles. Decorava a casa na qual sabia que não iria viver. Era como se quisesse garantir que, quando fugisse da casa que não habitaria, René continuaria a vê-la por lá. Resultou. Aurora secara a relação, mas René continuava a regar-lhe as plantas. Aurora saía da imagem, mas René continuava a vê-la nas fotografias.

Eram sete, as molduras. Foi numa em específico que René se demorou. A terceira. Esta fora-lhe oferecida pela própria, para celebrar o primeiro aniversário da sua relação. René pegou na moldura. Contemplou a fotografia. A forma como os olhos azuis de Aurora o olhavam era a do amor personificado. *Como pode alguém fingir tão bem?*, perguntava-se René, quando revia aquele olhar. Depois de se demorar na imagem, e na pergunta, René virou a moldura e releu o que Aurora escrevera. «Para sempre tua. Para sempre meu.» O gosto masoquista com que, há sete meses, todas as noites René procurava por uma mensagem de arrependimento de Aurora no seu telemóvel era o mesmo com que nalgumas manhãs se torturava a rever aquelas recordações. Enraivecido, mas comovido, deitou a moldura com a fotografia para baixo, deixando a frase à vista. Pegou nas chaves de casa e saiu.

Dirigiu-se ao metro. Como sempre, a escada rolante estava avariada. Desceu a escadaria, com o passo mais acelerado do que o normal. Chegou ao pórtico, passou o passe e ouviu o *beep* que confirmava que o dia não seria assim tão diferente da véspera. Desceu outra escadaria que o fez chegar à plataforma, do lado onde pararia a cabine do metro. Olhou para o painel que previa a sua chegada. Sete minutos. *Será possível?*, pensou René. Começou a caminhar pela plataforma, em direcção ao extremo oposto. Ia apressado. Mais do que na véspera. Queria rever Nathaniel. Queria exigir-lhe respostas. De repente, nas suas costas, o tilintar de

moedas a cair no chão fê-lo travar a aceleração. *Isto já não pode ser só uma coincidência*, pensou René. Quando se voltou para trás, na direcção de onde tinha vindo o som, percebeu que tinha passado novamente pelo idoso que, frágil, deixara cair algumas moedas no chão. A jovem de *headphones* amarelos ajudava-o a recolhê-las. René estava visivelmente chocado.

Quando olhou novamente em frente, deparou-se com o pombo que invadira o local e que por lá passarinhava, a meio da plataforma, como nos dias anteriores. René começou a demorar-se nos passos que dava em direcção ao fundo da plataforma. Vindo das escadas, surgiu o homem que segurava o esplendoroso buquê de crisântemos na mão. René estava boquiaberto.

Olhou para o lugar onde nos dias anteriores estava o casal apaixonado em que reparara e, tal como com tudo o resto, confirmou a repetição da sua presença. Ali estavam eles, sentados, visivelmente apaixonados. Ele, no banco de pedra que brotava da parede. Ela, ao colo dele. Ambos a amarem-se com o olhar.

René dirigiu de imediato o olhar para a linha amarela que separava a plataforma do fosso do metro e lá estava, castanha e frenética, a barata a passear-se.

Bruscamente, encarou de novo o painel que previa a chegada do metro. Sete minutos.

René estava mais acelerado, mas o tempo continuava parado. Sem que a contagem decrescente do painel ocorresse, o metro chegou.

Na primeira carruagem, a mulher com que ele propositadamente colidira, vestida com a sua *T-shirt* branca. Ao redor da mulher, as mesmas pessoas que nos dias anteriores, prontas para sair, distribuídas precisamente da mesma maneira. Repetindo o que fizera no dia anterior, René olhou através das janelas para o lugar onde estivera sentado com Salomé e Acacius. Ali estavam eles. *Exactamente* nos mesmos sítios. *Exactamente* com as mesmas roupas. *Exactamente* com o mesmo ar.

Óptimo, pensou, enquanto o metro parava e ele se encaminhava para a segunda carruagem. *Se tudo está hoje como estava ontem e anteontem, então o Nathaniel estará aqui*. Foi com este pensamento que René tentou acalmar a aceleração do seu coração. O metro parou, as portas abriram-se, as pessoas saíram, René entrou e começou a ouvir a mesma voz grave e afinada a cantar.

I've seen the light

And I've seen the flame

And I've been this way before

And I'm sure to be this way again

Olhou para o fundo da carruagem e lá estava ele. Nathaniel. Os mesmos cabelos negros desgrehados disfarçados por baixo do mesmo chapéu fedora bordô, a mesma barba por fazer, a mesma manga cava preta estampada com a frase «Time waits for no one» a desaguar nas mesmas calças bordô largas, entaladas nas mesmas botas pretas que encerravam magistralmente o conjunto. O dia era o mesmo, mas René estava diferente.

Ansioso, não esperou que Nathaniel chegasse até si. Apressou-se a caminhar na sua direcção, de bilhete em riste.

For I've been refused

And I've been regained

And I've seen your eyes before

And I'm sure to see your eyes again

— Ei! Nathaniel! Nathaniel! — René interrompeu a actuação. As pessoas, que, como na véspera, reagiam à sua passagem despertando do sono profundo em que se encontravam, voltaram de imediato à sua habitual dormência.

O músico ficou estupefacto, parado, a olhar para René.

— Porque me deste este bilhete, Nathaniel? Que sabes tu sobre a Aurora!? — perguntou, empunhando o papel na cara do artista.

O músico acentuou o ar de estupefacção com que lhe reagia.

— Desculpa, eu conheço-te? — perguntou Nathaniel.

René não queria acreditar.

— Nathaniel, nós falámos ontem! Eu encontrei-te neste metro.

— Neste, não. Neste, nunca te vi.

— Essa frase! Tu disseste-me exactamente essa frase. Disseste que vias no meu olhar como eu queria ser artista! Explicaste-me que temos de seguir o nosso dom, o nosso propósito e, no fim, sem nenhuma razão aparente, deste-me este bilhete.

Nathaniel pegou no bilhete. Leu-o em silêncio. Algo que, naquele momento, René se sentia incapaz de fazer.

— Que sabes tu sobre a Aurora, Nathaniel? Que me queres dizer com este bilhete?

— Desculpa, mas eu nem a ti te conheço. Não faço ideia de quem seja a Aurora.

Estendeu o bilhete a René, que, siderado, o agarrou de volta.

— Lamento não te conseguir ajudar. — O músico deu a René a mesma

palmada no ombro que lhe dera na véspera, quando de si se despedira, seguindo caminho pela carruagem e prosseguindo a sua actuação.

René permaneceu ali, a olhar para o bilhete na sua mão. Sem perceber que estranha partida era esta que a vida parecia estar a pregar-lhe. Sentia-se a enlouquecer. Estaria o músico a dizer a verdade? Estaria ele a mentir? Qual dos casos seria mais apaziguador? René não sabia. Só sabia que não queria permanecer naquela carruagem. O metro parou na estação que se seguia, e René saiu, para voltar a entrar.

Estava agora na terceira carruagem.

CARRUAGEM III

René entrou na terceira carruagem, ainda a processar o que se passara na segunda. Começou a caminhar, procurando lugar para se sentar. Queria uma viagem menos intensa do que as que tivera nos dois dias anteriores. Foi talvez condicionado por este pensamento que se deixou conduzir até ao lugar ao lado de uma velha senhora que se encontrava sentada, sozinha, no fundo da carruagem.

De cabelos longos e brancos que lhe atravessavam os ombros, a velha repousava os braços sobre uma bengala em que, mesmo sentada, se apoiava. O vestido que trazia era leve e primaveril, como o seu olhar. Os tons do vestido, uma mescla de manchas roxas, verdes e azuis. Aquela mulher era a prova de que a idade não precisava de ser cinzenta.

— Posso? — perguntou René.

A velha olhou para ele com bondade. Os seus sorridentes olhos azuis responderam primeiro do que as palavras.

— Com certeza.

— Obrigado.

René suspirou.

— Cansado, menino?

— Cansado, menina.

A velha sorriu.

— Hulda.

— Nunca tinha ouvido esse nome!

— Não é muito comum por aqui. É nórdico.

— Ainda estou a tentar perceber se há alguma coisa comum neste metro — respondeu René, apresentando-se de seguida.

Seguiu-se um curto momento de silêncio, com René a contemplar o bilhete que Nathaniel lhe dera na véspera.

— Ainda se escrevem bilhetes de amor?

René olhou para a velha com um sorriso. O primeiro em meses.

— É mais ou menos isso!

— E quem é a sortuda?

— Não sei se ela foi sortuda. Sei que eu fui azarado.

— Credo, rapaz... que visão tão pessimista.

— Realismo e pessimismo são tão parecidos que se confundem.

A velha tocou em René amigavelmente, enquanto lhe respondia:

— Um pessimista é só um optimista em negação.

— Não diria isso se soubesse desta história — disse René, apontando para o bilhete.

— Acha que com todos estes anos não tenho nenhuma história de amor dolorosa para a troca, menino?

Perante a evidência, René respondeu como podia: sem palavras.

A velha prosseguiu.

— Eu também sei o que é ter um coração partido.

— E quem foi o sortudo?

Ambos sorriram.

— É sempre ingrato falar em nome de quem não está cá para se defender.

— Lamento. Foi a morte que vos separou?

— A morte será a nossa última separação. A primeira foi a vida.

— A separação pela morte dói menos, acredite.

— Que quer dizer com isso?

— Quando a pessoa morre, acabou. Não há espaço para o «e se». Quando a pessoa continua viva e morre apenas para nós, estamos sempre à espera de que ela ressuscite.

— E não é melhor viver na possibilidade de um regresso do que na certeza de que nenhum acontecerá?

— Não. É uma tortura.

— Sentiu-se torturado, menino?

— Sinto. Não é passado. É presente.

— O erro das pessoas é fecharem o amor no tempo. Quando o amor o é, ele transcende Cronos. Mas o amor não é tortura, menino. O amor é para sempre. A tortura, não.

René discordava.

— Este amor é tortura. Desde que ela me deixou, os meus dias perderam cor.

— É o luto que tira cor à vida. O amor é o que a pinta.

— O amor que coloriu a minha foi o mesmo que a deixou cinzenta.

— Não se estará a esquecer de que a tela é sua? — perguntou Hulda, com um discreto sorriso.

René demorou-se na pergunta.

— Conseguiu lembrar-se disso quando o perdeu, Hulda?

— Foi um processo. O que me parece é que o menino se nega a fazer o seu.

René permaneceu mudo.

— Eu perdi-o. Ele é o homem da minha vida, René, mas acha que não.

— Que aconteceu para que ele ficasse a achar isso?

— Eu deixei-o. Quando nós mais nos amávamos, deixei-o.

René arregalou os olhos. Tudo, há três dias, naquele metro, parecia ter sido propositadamente criado para si. A velha olhou para ele com a serenidade de quem estava pronta para contar toda a sua verdade.

— Porque fez isso?

— Quando o conheci, senti um amor que nunca tinha sentido. Eu tinha crescido com um pai ausente e tinha visto a minha mãe ser infeliz por toda a sua vida, submissa ao desamor que tantas vezes reencontrara, desde a infância. Quando o vi pela primeira vez, senti-me em casa. Era sempre em casa que me sentia quando o via. Mas a contradição de me sentir em casa numa casa tão diferente da que eu sempre conhecera fez-me duvidar de tudo. Como podia ele ser casa, quando ele era presença, felicidade e estabilidade, e a minha casa era ausência, tristeza e instabilidade? Eu achava que não estava pronta. Fugi da casa que ele era e voltei para a que conhecia.

René ajeitou-se no banco. Aquela história começava a mexer com a sua.

— Quando fugiu, que esperava encontrar, Hulda?

— O que já tinha encontrado.

— Explicou-lhe isso, quando o deixou?

— Como se explica o que ainda nem nós compreendemos, René? Eu não sabia quem era. Eu não sabia o que me tinha levado a tomar aquela decisão. Só sabia que acreditava genuinamente que tinha sido o melhor para os dois. Demorei alguns anos a perceber que tudo se devia ao facto de achar que não merecia ser feliz.

— A Hulda não lhe deu nenhuma explicação?

— Dei as que sabia dar, e nem sequer o fiz da melhor forma. René, as pessoas fazem sempre o melhor que sabem, mas o melhor que sabem não é sempre o melhor que podiam ter feito.

René levantou-se, visivelmente incomodado. Hulda observou-o, com serenidade. René começou a caminhar ferozmente rumo a outro lugar, depois voltou para trás e, ainda de pé, agarrou-se ao ferro do banco onde estivera sentado. Fê-lo com tanta força quanto aquela a que ainda se agarrava à dor que sentia que Aurora lhe infligira.

— Tem noção do sofrimento que causou a esse homem, Hulda? De quantas noites em claro ele deve ter passado? De quantos pensamentos de culpa ele deve ter dirigido a si mesmo, enquanto a projectava em si e fingia odiá-la? De quantas dúvidas dolorosas lhe passaram pela cabeça, sobre todas as hipóteses dos motivos reais de o ter deixado? Tem noção da crueldade que lhe fez? Tem noção de que matou esse homem por dentro, Hulda!?

No mesmo instante em que René gritou a última pergunta, o metro parou a meio do túnel que atravessava, mas ele parecia nem se ter apercebido. Continuava enraivecido, a olhar para a velha com a pergunta que deixara gritada e suspensa no ar.

Hulda permanecia quieta. De cada pérola azul que ostentava no rosto, brotara uma silenciosa lágrima.

— Ainda estamos a falar de mim, René? — perguntou calmamente.

René continuava agarrado ao ferro, mesmo com o metro parado.

— Não, Hulda. Não estamos a falar de si. Estamos a falar de mim! Estamos a falar do outro lado da sua história. Estamos a falar de quem sabe o que é estar no lugar desse homem. De quem sabe o que é ser deixado, sem nunca ter ouvido o verdadeiro motivo. De quem sabe o que é ver a sua vida interrompida sem nenhum aviso!

Nesse momento, a voz feminina automatizada do metro fez-se ouvir, com a explicação sobre a interrupção que a viagem sofrera.

«Senhores passageiros, a linha do metro encontra-se interrompida. Tempo previsto para a resolução do problema: sete minutos. Pedimos desculpa pelo incómodo causado.» As portas abriram, para deixar a carruagem respirar.

Sem largar o ferro, René prosseguiu o relambório.

— Nós éramos felizes, Hulda! Nós éramos *realmente* felizes! Quando a Aurora apareceu, ela trouxe *mesmo* um novo dia — disse, gesticulando o bilhete no ar. — Ela era o meu novo dia. Era a mulher que eu nunca conhecera em nenhuma outra.

Nem mesmo na minha mãe, Hulda!

— Que correu mal, René?

— É difícil falar em nome de quem não está aqui para se defender, Hulda — disse René, citando a velha com algum sarcasmo.

— Parece-me que isso nunca o impediu de dar voz à Aurora. Toda essa raiva me faz sentir que anda a falar por ela há muito tempo...

— Eu sinto-me no direito de o fazer, Hulda! A Aurora tirou-me a minha voz. Eu posso apropriar-me da dela.

— Tirou-lhe a sua?

— Ela deixou-me uma carta de despedida. Sem aviso. Sem que nada o fizesse prever. Um adeus unilateral.

— Porque não foi atrás dela, René?

— Era isso que esperava do seu companheiro, quando fugiu, Hulda? Que ele rastejasse por si?

— O amor só sabe a rastejo quando quem ama ainda não aprendeu a voar.

— Pois, então, eu não tenho asas! Sou humano. Ando com os pés. E não movi, nem moverei, nenhum para ir atrás de quem escolheu usar as suas. Eu dei-lhe todo o meu amor, Hulda. Todo o amor que eu nunca tive, eu dei. Eu nunca devia ter dado tanto de mim. A culpa foi minha, que dei tanto de mim...

As primeiras lágrimas serenas de Hulda deram lugar às seguintes.

— René, pare de se culpar pelo amor que deu. — A velha colocou a mão sobre a de René. — Se a porta não abre quando é o amor a bater, é a porta que está estragada, não é o amor.

René olhou-a durante alguns segundos, sem resposta. Parecia acalmar-se. Parecia disponibilizar-se para começar a perceber o outro lado.

— Mas eu podia ter consertado a porta, Hulda!

Os olhos de René começaram a ficar molhados.

— Algumas portas só se podem consertar por dentro, René.

— Hulda, eu não entendo o que fiz de errado. Porque é que ela me castigou desta maneira?

— Quem foge do amor não está a castigar o outro, René. Está a castigar-se a si.

— Como é que alguém pode fugir do amor, Hulda?

— Não sabe, René?

— Como é que havia de saber?

— Não é o que tem feito?

— Eu?

— Sim, René. Toda essa mágoa, toda essa raiva, todo esse rancor... isso é fugir do amor.

— Ela merece.

— Isto não é sobre ela, René. O rancor é sempre sobre quem o guarda.

— Hulda, não compreende!? Eu não tinha nenhum motivo para deixar de a amar! Ela deixou-me sem motivos. Eu tive de os criar. Tive de a odiar. Tive de me magoar sempre que pensava nela. Achei que, se o fizesse, as memórias boas ficariam suficientemente contaminadas para que eu as esquecesse... para que eu a esquecesse.

— Resultou?

René desabou em lágrimas. As lágrimas foram a sua resposta.

Hulda acarinhou a mão sobre a qual repousava a sua.

— Chore, meu querido. Há muito que anda a adiar chorar esse fim.

René limpou o rosto com a mão que segurava o bilhete. A outra permanecia agarrada ao metal que o sustentava.

— Hulda, sabe o que mais custa? Tirando a forma como ela escolheu ir embora, e o facto de ter ido, não aconteceu nada que pudesse matar o meu amor por ela. Nada! Como posso seguir em frente, se nada me deu motivos para a deixar para trás?

O silêncio de Hulda foi o balanço para a sua sabedoria.

— Continuando a amá-la.

René ficou intrigado.

— Então... porque quer que chore o fim?

— Chorar o fim do relacionamento não é sempre sinónimo de chorar o fim do amor.

Tudo parecia começar a fazer sentido.

A velha continuou.

— A monja Tenzin Palmo definiu bem o verdadeiro amor. Ela disse que o amor egoísta era aquele que diria «eu amo-te e, por isso, tu tens de me fazer feliz», enquanto o amor verdadeiro diria «eu amo-te e, por isso, só quero que sejas feliz».

O rosto de René parecia transfigurar-se da dor para a compreensão.

— René, meu querido, ama a Aurora?

— Amo.

— E foi feliz com ela?

— Muito.

— Então, que espera que ela seja?

As lágrimas voltaram, em força, ao olhar de René e, com a voz embargada, ele respondeu:

— Feliz. Eu só quero que ela seja feliz. Mas tenho tanta pena de que não seja comigo...

Os olhos de Hulda tornaram a humedecer-se.

— Meu querido... imagine o amor como uma enorme raiz de onde todos brotamos. A Aurora como árvore, o René como outra. Se ambos permanecerem ligados à raiz, permanecerão, para sempre, ligados um ao outro, mesmo que os vossos troncos nunca se voltem a tocar.

René tornou a limpar o rosto com a mão que segurava o bilhete. A outra permanecia agarrada ao poste metálico.

— Eu nunca tinha pensado nisso dessa forma — confessou René.

— Nunca é tarde para mudar a forma como pensamos, René. Sobre tudo se a forma como pensamos condicionar negativamente a forma como sentimos.

Depois de um curto mas contemplativo silêncio, René desabafou para o ar:

— Aquela mulher da *T-shirt* branca tinha razão... eu tenho sido um idiota! — Voltando-se para a velha, continuou: — Hulda, tenho de encontrar a Aurora. Tenho de lhe dizer que a amo! Que o meu amor por ela não depende da condição de ela ficar comigo. Que não depende de condição nenhuma! Eu amo-a e pronto! Tenho de a libertar...

Hulda sorriu.

— Como é que se sente quando a liberta, René?

— Livre.

As portas do metro fecharam-se. O metro voltou a andar. A linha deixou de estar interrompida. René olhou em volta, como se apenas nesse momento se tivesse apercebido do problema técnico que ocorrera. Continuava de pé, agarrado ao metal do banco. A velha, sentada, olhou para ele com doçura e, apontando com a cabeça para a sua mão, disse-lhe:

— Já pode largar, René.

René pousou o olhar em Hulda.

— Diga?

— Já pode largar...

René olhou para a mão que apertava com força o metal. Afrouxou-a. Soltou-a. Libertou-a.

Sentou-se novamente junto da velha. A viagem prosseguiu.

— Hulda...

— Diga, René.

— Como sabe tanto sobre amor verdadeiro?

— Já olhou bem para as minhas rugas, menino?

O rosto de René sorriu.

— Quantos as têm e nunca aprenderam sobre ele? — perguntou.

— Tem razão. Mas René... a vida ensina sempre. Nós é que podemos escolher não aprender.

— A Hulda escolheu aprender?

— Era isso ou sofrer até ao meu último dia.

— Porquê?

— Porque também eu achei que me separar do meu grande amor tinha sido sinónimo de o perder.

— Hulda, os motivos que a levaram a fugir não eram remediáveis?

— Os motivos são sempre remediáveis, até que deixem de o ser.

— E quando é que deixam de o ser?

— Quando são vencidos pelo tempo.

— Já não vai a tempo, Hulda?

— Não, René.

— Não diga isso. Não deixe que a idade lhe condicione a vontade.

— Não fui eu que deixei de querer, René. Ele desistiu. Julguei sempre que teria tempo para voltar, para o reencontrar e para lhe dizer que estava pronta. Mas que é isso de estar pronta? Nunca se está pronto para o amor. É o amor que nos prepara!

René acolheu aquelas palavras.

— Lamento, Hulda.

O metro estava prestes a chegar à estação onde René sempre desaguava. Hulda levantou-se ao mesmo tempo que ele. René ajudou-a. Caminharam rumo à porta e esperaram que ela se abrisse. A porta abriu-se. Ambos saíram. Passaram pelo grupo de pessoas que ali se encontrava, a aguardar entrada. A velha parou, apoiada na bengala. Os seus olhos azuis penetraram os de René.

— Bem, parece que é aqui que dizemos adeus.

As portas do metro tornaram a fechar-se e o veículo seguiu viagem.

René percebeu que continuava a segurar o papel que continha a definição de Aurora, agora humedecido pelas lágrimas que chorara.

— Hulda, antes de ir, gostava de lhe entregar isto.

Hulda agarrou no papel e, enquanto o lia, René explicou-lhe a sua intenção.

— Para que nunca se esqueça de que existe um novo dia.

Hulda emocionou-se. Guardou o papel na carteira e caminhou rumo a René, olhando-lhe a alma. René retribuiu-lhe o olhar e permaneceu quieto a observá-la. O tempo diluiu-se no olhar que partilharam. Hulda fez-lhe uma festa no rosto. Aproximou-se mais e beijou-o. René não se mexeu. Hulda largou o beijo e abraçou René, que lhe retribuiu o abraço, sem parecer compreender que força o movia a fazê-lo. Hulda suspirou-lhe ao ouvido:

— Para sempre tua. Para sempre meu.

René ficou lívido.

— Aurora? — perguntou em choque.

A velha largou-o. René deixou-a ir. Do outro lado da linha, um novo metro chegava, no sentido contrário ao que os transportara. A velha correu aceleradamente até ao limite da plataforma e, quando o pisou, saltou para o outro lado, no tempo certo para ser colhida pelo veículo.

— Aurora, não!!! — gritou René. — Não, não!!!

René largou a mochila e começou a correr sobre a linha amarela que o separava do limite da plataforma.

— Aurora! Não! Porque fizeste isto!? Aurora...

Do outro lado da linha, tudo parecia prosseguir normalmente. O metro parara, passageiros saíam e outros entravam.

— Ajudem! Por favor, ajudem!

Ninguém parecia reagir aos seus apelos. Era como se René fosse invisível.

Começou a sentir-se zozzo. Caiu de joelhos no chão, levou as mãos à cabeça e repetiu a pergunta que fizera.

— Porque fizeste isto, Aurora? Porque fizeste isto?

No seu já turvo campo de visão, surgiram duas pernas fixas que anunciaram a presença de uma pessoa ao seu lado, que assistia a tudo.

Entre lágrimas, René tornou a repetir para o ar a pergunta que fizera. Desta vez, berrou-a com a carga de toda a dor que carregava na alma.

— Porque fizeste isto, Aurora!?

A pessoa ao seu lado gritou-lhe de volta.

— Porque é que TU fizeste isto?

Atordoadado, René respondeu:

— Eu não fiz nada! — René começou a erguer o olhar em busca do rosto que

proferira aquelas palavras. — Foi ela que saltou... A Aurora saltou... Eu não fiz nada — dizia, enquanto procurava pela pessoa, no meio da névoa da sua visão.

Quando finalmente encontrou o rosto, René não queria acreditar.

— Tu!?

Entre a névoa da sua desnorreada visão, René viu o rosto da mulher com quem chocara na primeira carruagem e, antes de perder os sentidos, pôde reler as palavras da *T-shirt* que confirmava a sua identidade. «Tudo o que vai volta.»

René perdeu os sentidos.

A DÚVIDA

Foi na cama que René recuperou a consciência. Pouco depois de abrir os olhos, de focar a sua visão e perceber que estava novamente no seu quarto, soergueu-se bruscamente e olhou em volta. Como tinha ido ali parar? René não sabia.

A última memória que tinha era de ter perdido os sentidos depois de ter visto Hulda saltar para a linha do metro. Não se lembrava de como tinha saído de lá, de como tinha sido o resto do dia, de como tinha regressado a casa. Lembrava-se, sim, da conversa que tivera com a velha. Do inesperado beijo que ela lhe dera. E de as últimas palavras dela terem sido *exactamente as mesmas* que Aurora usava para assinar o seu amor. De como, de repente, julgara ser possível Hulda ser Aurora. De como a história dela encaixava *perfeitamente* na sua.

Preocupado por poder ter faltado ao trabalho, René verificou o telefone, para confirmar se tinha sido contactado por alguém. Nada. Tudo parecia normal. Pensou em ligar para um dos colegas, para confirmar que não faltara, mas tinha medo de parecer doido. Optou por não o fazer. Em vez disso, René levantou-se da cama e foi ter com a moldura que baixara na véspera. Continuava pousada como a deixara. *Não estou louco*, pensou. Olhou para a frase de Aurora e releu-a com o sussurro da memória da voz de Hulda. «Para sempre tua. Para sempre meu.» René virou a moldura. Reviu as feições de Aurora. Tentou imaginar o efeito que o tempo teria sobre ela. Focou-se apenas no olhar e a imagem de Hulda sobrepôs-se-lhe. Assustado, René largou a moldura. «Não, não é possível. Tu estás a enlouquecer, René. Tu estás a enlouquecer!», disse, enquanto se dirigia para a casa de banho, onde chegou e passou abundantemente o rosto por água gelada. Era como se esperasse que a água o despertasse de toda a confusão em que se encontrava. Fechou a torneira. Deixou o rosto por secar. Olhou para o seu reflexo

ao espelho. O rosto estava lavado. A mente, cada vez mais turva.

René viu as horas. Eram horas de se preparar para sair. Eram sempre. Quando foi regar as plantas, reparou que algumas pareciam estar a morrer. Ficou intrigado. René não andava a falhar na rotina da rega. Seria água a mais? Não podia. A terra estava seca. Com estranheza, colocou mais água nos vasos. Talvez agora fosse suficiente.

Bebeu o seu tradicional café americano, tomou o seu despachado duche e saiu rumo ao metro, onde reencontrou a escada rolante avariada e a escadaria como alternativa. Desceu-a com a mesma aceleração da véspera, tornando igual o que tinha sido diferente. Encostou o passe ao pórtico e ouviu o *beep* a permitir-lhe a entrada. Desceu a escadaria da rotina que conhecia de cor, chegando à plataforma, onde ficou a aguardar que o transporte chegasse. Numa radiografia que tirou com o olhar à estrutura, reencontrou tudo o que ali encontrara na véspera. E na véspera da véspera. E na véspera da véspera da véspera. O idoso e as moedas que deixava cair. A jovem de *headphones* amarelos que o ajudava a recolhê-las. O pombo que por lá passarinhava. O homem que descia as escadas com o seu buquê de crisântemos em riste. O casal apaixonado que se amava em olhares. A barata que fazia da linha amarela *passerelle*. Pelo canto do olho, encontrou o painel que previa a chegada do veículo. Sete minutos. A previsão que René antecipara. Cumprindo o que se passara nos dias anteriores, o metro chegou sem que o tempo se tivesse ido embora.

René, que desta vez se tinha posicionado a meio da plataforma, de modo que entrasse novamente na terceira carruagem, tinha o campo de visão necessário para constatar que também no interior do veículo tudo estava exactamente igual. Na primeira, a mesma mulher com quem colidira de propósito, as mesmas pessoas a ladearem-na, os mesmos passageiros sentados, a mesma Salomé e o mesmo Acacius. O metro abrandou. Na segunda, o mesmo artista de rua, Nathaniel, a cantar a mesma canção. O metro parou. Na terceira, René esperava rever Hulda, a velha com que conversara na véspera e que julgava ser Aurora. As portas abriram-se.

René entrou. Percorreu e perscrutou a carruagem. Sempre que detectava a presença de cabelos mais grisalhos, o seu coração acelerava, na esperança de poderem ser os de Hulda. Em vão. Hulda não estava ali. Alguma vez estivera?

A respiração de René intensificou-se. Teria Hulda verdadeiramente morrido e por isso não se encontrava ali? Teria Hulda sido imaginada por René e, na verdade, *nunca* ali se encontrara? O olhar de René estava perdido. Os olhos

movimentavam-se, ora para a esquerda, ora para a direita, numa espécie de revisão acelerada de todos os acontecimentos e de uma busca apressada por respostas para a dúvida que o dominava: estaria René a enlouquecer?

Talvez a solução estivesse na quarta carruagem.

CARRUAGEM IV

Depois de ter constatado que Hulda não estava na carruagem onde a conhecera, René esperou que o metro parasse, para entrar na seguinte: a quarta.

René começava a acreditar que nada naquele metro era aleatório, que havia uma razão para tudo o que lhe estava a acontecer e que cada encontro que tivera fora desenhado a pensar em si. E, embora tudo isto lhe fizesse sentido, era exactamente por tudo lhe fazer sentido que começava a sentir-se louco. Por vezes, a loucura faz sentido. Outras vezes, o sentido faz loucura.

Quando René entrou na carruagem, escolheu um lugar solitário. Contudo, assim que se sentou, percebeu que tinha a companhia de todos os pensamentos que transportava consigo. A companhia dos nossos pensamentos pode ser mais ruidosa do que a companhia da multidão. A cabeça de René parecia querer explodir. E explodiu, de susto, quando ouviu um grito vindo do fundo da carruagem.

— O FIM ESTÁ PRÓXIMO!

René espreitou pelo corredor do metro e identificou, de imediato, o dono daquele grito. Para René, era fácil associar um homem de saia a uma frase daquelas. E a daquele era gritante. Rosa, não choque, mas capaz de chocar. A parte de cima era tão capaz de destoar da de baixo que acabava por condizer. Uma camisa *oversize* preta, com um decote acentuado. O calçado combinava da mesma forma: destoando. Uns *Nike Air Jordan 1* vermelhos, pretos e brancos.

— O FIM ESTÁ PRÓXIMO! — voltou a gritar o homem. René revirou os olhos e levou as mãos à cabeça enquanto a abanava em reprovação. «Só me faltava mais este», deixou escapar à boca pequena. Pelos dedos que deslizavam sobre o rosto, observou o estranho comportamento do homem que, depois daquele segundo

grito, se agarrara a um dos ferros do metro, desenhado para sustentar a tremida viagem de cada passageiro que fosse em pé, rodopiando sobre ele, como se de uma bailarina de um bar nocturno se tratasse. Rodopiou três vezes em torno do ferro, debaixo dos diferentes olhares de alguns dos passageiros. Havia os olhares que julgavam. Havia os olhares que sorriam. E havia os olhares que não olhavam. Mas por todos aquele homem era visto. Sobretudo por René.

O homem largou o poste de ferro e, posicionando-se no centro do corredor da carruagem, levou as mãos à boca, colocando-as sob a forma de concha, de modo a ampliar a voz que, dentro delas, estava prestes a projectar.

— Próxima paragem: a puta da loucura! Uuuuh, uuuh! Até apita!

René, que não conseguia esconder a profunda repulsa que sentia por todo aquele comportamento, não deixava de, simultaneamente, o observar com uma espécie de admiração oculta. Aquele homem parecia viver num mundo muito próprio. Tão próprio que parecia intocável. Inabalável. Inquebrantável.

— Bom dia, minha senhora! Um sorrisinho nesse rosto. Vá lá, só um sorrisinho... E... já está!!! — O homem debruçara-se sobre uma mulher sentada, que, com a sua insistência, de sisuda passara a sorridente.

— Sejam felizes, meus senhores! Não tenham medo de parecer loucos! Sorriam a estranhos! Digam-lhes bom dia! Sigam os impulsos do coração!

O homem, que se encontrava distante de René, continuou a gritar os seus apelos. René resolveu desviar o olhar, na direcção da janela do metro que tinha ao seu lado. Apesar de toda a loucura externa que observara naquele homem, não conseguia abandonar a loucura interna que o fazia sentir-se observado. Recordando tudo o que se passara nas últimas carruagens e que o fizera chegar àquele momento, olhou para a janela por aquilo que lhe pareceram breves segundos. Até ter sentido uma presença ao seu lado. A sensação de ter alguém tão perto fê-lo olhar de imediato. Para seu espanto, a presença era a do homem que, segundos antes, se encontrava no fundo do corredor da carruagem.

— Mas... — disse René hesitante.

— Nem mas nem meio mas! Já dizem as mãezinhas! — gritou o louco.

O homem sentou-se no chão.

— Vai sentar-se aí?

— Vais tratar-me por você? — questionou de volta o homem, enquanto se ajeitava no chão.

— É assim que tratamos quem não conhecemos.

— E porquê?

— Porque é assim!

— Já viste? Pensa bem na quantidade de coisas que fazemos por nos ter sido dito que «é assim». Vou sentado no chão, sim. Qual é o problema?

— O problema é que não é aí que nos devemos sentar.

— E quem é que definiu que ir sentado é usar um banco? Há tantas formas de se ir sentado. As instituídas, as que desafiam o instituído e todas as que ainda estão por inventar.

— Achei que eras doido, mas afinal és filósofo.

— Achei que eram sinónimos! — O homem sorriu e prosseguiu a conversa. — Já me estás a tratar por tu. Nada mal, para um principiante.

— Principiante?

— Sim. Estás a começar a aprender a ser livre.

— Tu achas que o que fazes é ser livre?

— Não acho. Sei.

— Ainda bem que tens tantas certezas. Eu cada vez me sinto menos certo.

— Que se passa contigo, homem?

— Não sei se devo contar isto a um homem de saia rosa que dança no varão do metro.

— Que tem a saia rosa? — perguntou o homem, com genuína dúvida, olhando para a saia, pegando-a pelas pontas e expandindo-a no ar.

— Isso é roupa de mulher.

O homem permaneceu em silêncio por breves segundos. Olhou para René e, sereno, respondeu:

— Fica descansado: a roupa não sabe.

René abanou a cabeça e perguntou:

— Como te chamas?

— Eu não tenho nome.

— Não tens nome?

— Dar nome é dar vida, mas também é retirá-la. Quando nomeamos uma coisa, ela passa a existir, mas também passa a ser definida. Nomear é o nascimento que mata. E eu não posso morrer.

— Ah... Eu sou só o René.

O homem levantou-se num ímpeto e, em voz alta, gritou:

— Eu não sou ninguém e, por isso, sou toda a gente! Sou o tudo e o nada. O alfa e o ómega. A substância e a forma. O princípio e o fim. E, sobretudo, o recomeço. — Do seu rosto, brotou um sorriso rasgado com o qual finalizou a sua

caótica apresentação. E, estendendo a mão a René, num tom de voz mais brando, disse: — Muito gosto, René.

Os olhos de René denunciavam o quão louco ele julgava este homem. Receoso, estendeu-lhe a mão de volta.

— Acabaste de citar a Bíblia?

— Não. Acabei de citar a Fonte.

— Essa fonte tem um bocadinho de vodka, confessa.

O homem voltou a sentar-se.

— O mundo está tão entorpecido que viver desperto é a nova bebedeira, René. São sempre os sóbrios que são apontados como loucos!

— Bem, se isso é verdade, então o meu nível de sobriedade está a atingir o pico.

— Porque dizes isso?

René olhou em volta, para se certificar de que ninguém o ouvia, pousou os olhos no homem e, diminuindo o tom de voz, segredou-lhe:

— Eu acho que estou a ficar louco.

— Um bom indício de lucidez é conseguirmo-nos questionar sobre a mesma. Alegra-te, René! Tu achas que estás louco. Provavelmente, significa que não o és.

— Tu não achas que estás?

— Não!

— OK, então faz sentido.

— René, podes contar-me. Eu sou aquele que não julga. Que te faz sentir louco?

René olhou o homem nos olhos e, por qualquer motivo que não sabia explicar, confiou nas suas palavras.

— Bem, eu sinto que estou preso neste metro. Que, dia após dia, repito a mesma viagem. Com as mesmas pessoas.

— René, isso é o que a maioria das pessoas sente, todos os dias.

— Não, não estás a perceber. Eu estou *mesmo* a repetir *a mesma* viagem. As pessoas da plataforma e da primeira carruagem são as mesmas há dias. Com as mesmas roupas, nos mesmos lugares, nas mesmas posições. Na segunda carruagem, o mesmo artista, a cantar a mesma canção. Na terceira... — René hesitou.

— Na terceira?

— Esquece. Tu não ias acreditar.

— Conta-me, René. — O homem colocou a mão sobre o joelho de René. —

Eu tenho fé em ti.

— Na terceira carruagem, eu estive com a mulher da minha vida, só que não era ela... quer dizer, era ela, mas muito mais velha!

— René, eu acho que sei o que se está a passar — disse o homem com um tom sério.

— Diz-me!

— Eu acho que tu estás louco!!! — O homem soltou uma estridente gargalhada, enquanto, atônito, René o observava.

— Ei, tu disseste que não me ias julgar!

— Tem calma, René! Uma viagem sem humor pode ser tão chata...

— Estou cansado das piadas deste metro.

— Como podes rir-te de uma piada se não a percebes?

— A questão é que, para este metro, a piada sou eu!

— É isso, René. Como podes rir-te de uma piada se não a percebes?

René ficou a absorver aquelas palavras. Oscilava entre achar que aquele homem era completamente louco e completamente sábio. Talvez a loucura e a sabedoria andassem de mãos dadas. Talvez não fossem opostas. Talvez fossem sinónimas. Ou talvez todos os opostos, nalgum momento, fossem sinónimos.

— A mulher da minha vida apareceu neste metro que todos os dias se repete, na terceira carruagem, na sua versão idosa. Como é que tu queres que eu compreenda isto!?

— O tempo não existe, René. É uma criação do Homem! Uma praga auto-infligida.

— Se o tempo não existe, que existe então?

— O eterno agora. O ponto zero. O silêncio de Deus. Onde o ontem é hoje e o amanhã também o é.

— Mas o pior de tudo é que, depois da nossa conversa, ela... — René voltou a hesitar.

— Confessa-te, René.

— Ela...

— Podes contar-me tudo.

— Ela matou-se!

O homem levantou-se bruscamente e, a plenos pulmões, gritou para que toda a carruagem o ouvisse:

— O FIM ESTÁ PRÓXIMO!!!

— Mas porque gritas tu essas coisas!? — René puxou-o para baixo.

— Porque me sabe bem. Comecei a gritar para lidar com a minha ansiedade.

— Resulta?

— Não. Eu continuo ansioso, mas, pelo menos, divirto-me!

— Tu não percebes que deixas toda a gente a reparar em ti?

— E isso deve importar-me?

— Também és dos que dizem que, falem bem ou falem mal, o importante é que falem?

— Não, René. Eu sou dos que nem sequer se importam que falem! Faço o que me apetece.

— Tu não és bom da cabeça. Se todos fizéssemos o que nos apetecesse, a sociedade viraria o caos.

— Verdade, mas acredita que, se ninguém fizesse nunca o que lhe apetecesse, a sociedade viraria o mesmo caos.

— A Hulda fez o que lhe apetecia. Matou-se.

— Tu achas que isso era o que lhe apetecia?

— Se não era, porque o fez?

— Porque achou que era. A dor faz-nos achar coisas erradas, René.

— Que percebes tu de dor? Tu danças de saia cor-de-rosa no metro!

— Há pessoas que vestem a sua dor de saias cor-de-rosa. Outras saltam para a linha.

— Começo a gostar da tua saia.

O homem sorriu.

— René, quem se mata não quer morrer.

— Então, que quer?

— Quer deixar de sofrer.

— Faz sentido.

— Mas o sofrimento resolve-se em vida.

— Sabes, eu nem estou certo de que ela se tenha matado. Eu nem sequer estou certo de que aquela velha tenha existido!

— Então?

— Ela saltou para a linha, mas a vida de toda a gente prosseguiu, como se nada tivesse acontecido. Como se o que eu tivesse visto só se tivesse passado... — René hesitou, como se estivesse a processar a sua conclusão.

— Na tua cabeça.

— Sim!

— Bem-vindo ao meu mundo, René.

— Excepto aquela outra mulher. Aquela!

O homem olhou em volta, à procura de alguém.

— Não, ela não está aqui. Está na primeira carruagem. Não sei quem é... mas sinto que me persegue. Que paíra sobre mim, desde o nosso primeiro embate.

— Porque sentes isso, René?

— Eu não fui correcto com ela quando entrei pela primeira vez neste metro. Ela ia sair na paragem onde eu ia entrar. Vinha lixado com a minha vida e choquei com ela, propositadamente. Chamou-me idiota. Não gostei e reagi. Ela ficou do lado de fora, com os olhos pousados sobre mim, a aguardar que o metro arrancasse. Quando, não sei quantas paragens depois, cheguei à estação onde devia sair... — René calou-se.

— Continua, René. Eu não te julgo.

— Tu não vais acreditar em mim.

— És tu que duvidas de ti, René.

— Quando cheguei à estação onde devia sair... chocaram contra mim. Chocaram, não. Chocou. *Aquela* mulher. A *mesma* mulher. Como é isto possível? Diz-me!

— Apanhou um Uber e foi ter à outra estação só para se vingar de ti!

— Tu podes parar de gozar comigo?

— Desculpa, não resisto a uma boa piada.

— Além disso, tu sabes como é o trânsito nas grandes cidades. Ela nunca teria tido tempo para chegar lá primeiro do que o metro.

— Vês? Os teus raciocínios estão em dia. Como podes achar que estás louco?

— Porque nada disto é possível!!!

— Para aquele que não acredita.

— Bem, quando a Hulda se atirou para o metro, eu fiquei tão atordoado que comecei a perder os sentidos. Caí no chão e, ao meu lado, estava essa mesma mulher. Foi a única que pareceu ter visto o que eu vi. Aliás, ela acusou-me de ter sido eu a matar a Hulda!

O homem escutava René sem nenhuma expressão no rosto. René apercebeu-se da falta de expressividade no rosto do homem e resolveu conter todas as palavras que lhe apetecia continuar a expelir.

— René... há quanto tempo não dormes?

Silêncio. René não respondeu. Parecia desanimado. Sentia que nem o louco do metro acreditava em si. Contudo, aquela pergunta ficou a pairar-lhe na mente e recordou-lhe palavras que ouvira, precisamente, daquela mulher com quem

embatera no início.

— «Vou chamar-te idiota até que acordes» — disse baixinho. — «Vou chamar-te idiota até que acordes» — repetiu um pouco mais alto.

— Desculpa?

— Lembro-me de ela me ter dito algo como «vou chamar-te idiota até que acordes!». É isso! Eu estou a dormir! Isto é só um sonho! Bate-me.

— Hum?

— Bate-me! — gritou René, pondo-se de pé.

O homem pareceu entusiasmado com a ideia e, levantando-se num impulso, começou aos saltinhos, de punhos erguidos em frente ao rosto, preparando o ataque.

— De que estás à espera!? Bate-me!

— Vai doer, René...

— Bate-me!

— René, vai doer...

— Cala a puta da boca e bate-me, seu maluco de merda!

O homem puxou um dos punhos atrás e, com toda a força que lhe cabia no corpo, acertou no rosto de René, que, atordado, tombou sobre os bancos do metro, soltando um profundo grito de dor.

— AU!

O homem continuava aos saltinhos, de punhos prontos para a próxima ronda.

— Queres mais, René? Pede que recebes. É um dos meus lemas! Pede que recebes! — repetiu e gritou.

— Ai... — soltou René em agonia, afagando o rosto, enquanto se recompunha — magoaste-me.

O homem saltou para um dos bancos do metro e, dirigindo-se aos passageiros da carruagem, que olhavam, preocupados com o aparato, anunciou:

— Nada temam! O René achava que estava a dormir e pediu-me que lhe desse um sopapo para o acordar!

A carruagem desatou a rir à gargalhada. René olhou em volta.

— Doidos... são todos doidos!

— Então, René, não estavas a dormir? É o teu sonho. És tu que controlas o que aqui acontece!

— Porque me bateste com tanta força?

— Para acordares.

— Não resultou.

— Resultou. Agora que percebeste que não estás a dormir, já podes despertar!

— Eu vou sair na estação seguinte e apanhar o próximo metro.

— Que próximo metro, René?

— O que vem a seguir a este.

— Mas tu ainda não percebeste? Não há *a seguir a este*. O teu metro *é este*.

— Vai-te foder, tu e a tua saia cor-de-rosa. És louco. E estás a querer fazer de mim louco — dirigiu-se bruscamente para a porta.

A voz da senhora do metro anunciou a chegada ao destino, adiando para o dia seguinte a vontade de René de apanhar outro metro que não aquele.

— René, não desistas agora — disse-lhe o homem sem nome.

— Mas não desisto de quê? Que sabes tu que eu não sei?

— Nada, René. Eu sou só um louco!

O homem sorriu misteriosamente e, de seguida, rodopiou três vezes em torno do poste, ao mesmo tempo que os três *beeps* de chegada se faziam ouvir e as portas se abriam.

René saía da quarta carruagem. Sem que soubesse, a sua viagem aproximava-se do fim.

BEDISA

De olhos postos no tecto, embrulhado nos lençóis, com o despertador prestes a tocar para anunciar a saída da cama, René contemplava a decisão de não voltar a entrar *naquele* metro. Contudo, de cada vez que o fazia, as palavras do homem de saia rosa ressurgiam na sua mente. «Mas tu ainda não percebeste? Não há *a seguir a este*. O teu metro *é este*.» Que queria ele dizer com aquilo?

Procurando encontrar um sentido em tudo o que estava a viver, René começou a tentar reconstruir os seus últimos dias. A ansiedade começou a aumentar quando percebeu que, por mais que se esforçasse, as únicas memórias recentes que conseguia resgatar eram as das vivências que tinha naquele metro.

René soergueu-se, pensativo. Julgara que o apagão de memória sobre o resto do seu dia só se tinha passado depois de ter perdido os sentidos na carruagem de Hulda, mas não. A perda de memória sobre o que se passava depois de cada viagem de metro acontecera em cada carruagem, desde o primeiro encontro estranho que ali vivera, com Salomé e o filho. René temia que algo grave se estivesse a passar com a sua mente.

Ainda intrigado, levantou-se. Foi ter com as plantas que tinha pela casa e reparou que estavam todas a morrer. Não deixou de as regar. Esperava que, cumprindo o ritual, as pudesse salvar. Um duche e um café americano depois, estava pronto para sair. Atravessou a rua em direcção à entrada do metro. Desceu as primeiras escadarias, como sempre. Atravessou os pórticos, ao som do *beep* do passe, como sempre. Desceu a segunda escadaria, como sempre. Reparou no idoso das moedas, na jovem de *headphones* amarelos, no pombo, no homem do buquê, no casal apaixonado e na barata, como sempre. Observou o tempo de espera, que anunciava sete minutos, como sempre. Viu o metro chegar e o tempo de espera

permanecer igual, como sempre. O metro abrandou, como sempre. Reparou que todas as pessoas no interior das carruagens que conhecia eram exactamente as mesmas, como sempre. As portas abriram-se, como sempre. Pessoas saíram e entraram, como sempre. Mas René não se mexeu. Tudo é como sempre, até que uma decisão o mude.

As portas permaneciam abertas. As últimas pessoas entravam. René estava à beira da quinta carruagem. Aquela que ainda não conhecia. Parecia-lhe uma carruagem normal. René ansiava por ver as portas fecharem-se e confirmar que, por sua decisão, não entraria no metro. Nisto, um grito de auxílio vindo da carruagem fez-se ouvir: «BEDISA! FICA! BEDISA! POR FAVOR, AGARREM O MEU FILHO!» Todo o corpo de René reagiu à dor daquelas palavras. Uma mãe a pedir para o filho não ir. Pelos vidros da carruagem, viu uma mulher correr por entre as pessoas, na direcção da porta, e percebeu que, por lá, iria aparecer o filho em fuga. René esqueceu-se da decisão que queria tomar. A sua ferida de abandono de mãe quis ajudar aquela mãe a não sofrer de abandono de filho. Entrou para a carruagem, calculando que a presença do seu corpo fosse impedir a saída do rapaz. A mãe continuava a correr pelo corredor de bancos. René avançou para a extremidade desse corredor, abrindo os braços e baixando-se ligeiramente, esperando ver uma criança pequena a correr. Para sua admiração, a criança era, na verdade... um cão. Os três *beeps* fizeram-se anunciar. O cão parou perante a presença de René. A dona agarrou-o. As portas fecharam-se. René estava, novamente, dentro daquele metro.

CARRUAGEM V

— Bedisa! — gritou a dona, enquanto se baixava para agarrar o cão, que permanecia parado a olhar para René.

René olhava-o de volta. Só agora, resolvida a confusão, parecia questionar-se sobre o que acontecera. Fora aquele episódio que o obrigara a entrar novamente naquele metro. Saberia o cão o que tinha feito? A forma como olhava para René parecia dizer que sim. Saberia a dona? Era o que René ia tentar descobrir.

— Costuma andar com ele à solta?

— Sempre! Ele nunca faz isto.

— Porque fez hoje?

— Não sei, mas não vou correr o risco de repetir a experiência — disse, enquanto lhe colocava a trela.

— Porque anda com ele à solta?

— Eu acredito que a Natureza nasceu para ser livre. Muito obrigada! O senhor salvou o meu dia. — A mulher estendeu a mão a René.

— René. O Senhor está no Céu! — estendeu a mão de volta.

— Senhor René. — A mulher apertou a mão, com um sorriso irónico.

— E a senhora? — perguntou René, retribuindo o sorriso.

— Gaia.

Sentaram-se frente a frente, no conjunto de bancos que estavam vazios. René observou melhor aquela dupla. Bedisa, o cão, um rafeiro esbranquiçado, de orelhas pontiagudas. Focinho dócil, pêlo turbulento. Algures entre os dois e os duzentos anos, como todos os rafeiros aparentam. Gaia, a dona, uma mulher de olhos esverdeados cintilantes, cabelo castanho encaracolado e curto e roupas leves. Uma túnica de linho branca e uma saia florida.

— Que idade tem o fugitivo? — perguntou René.

— Não sei bem. Resgatei-o. A veterinária que o viu diz que, pela dentição, parece ter uns três anos. Mas, às vezes, acho que ele é mais antigo do que o tempo.

— Porque diz isso?

— Pela forma como olha para mim. Parece que sabe coisas que eu não sei.

— Consigo compreendê-la — disse René, enquanto fitava o cão.

— Sabe, René, achei que estava a salvar este animal, mas na verdade foi ele que me salvou.

— A sério?

— A sério. O René não tem animais?

— Não. Ultimamente, não me tenho sentido com vontade de me ter a mim, quanto mais um animal.

— Então, René? É precisamente nessas alturas que um animal pode ajudar.

— Não vejo como. Ele nem fala.

— Fala. Só não usa palavras! Mas fala. E, sobretudo, ama. Incondicionalmente. Como, aliás, toda a Natureza. O René nunca experimentou dar um passeio na praia quando se sente triste? Ou na floresta?

— Eu costumo fechar-me em casa.

Gaia sorriu com doçura.

— Faço mal?

— Diga-me o René. Como se sente quando o faz?

— Pesado. Carregado. Sinto os meus olhos a quererem fechar-se. E fecho-os, mas não consigo adormecer, porque os pensamentos não deixam. Então, volto a abri-los. Mas eles continuam a pesar-me, pedindo-me que os feche.

A mulher aparentava estar a acolher toda aquela partilha com total empatia. O olhar dela parecia emocionar-se perante a dor de René. Era como se a dor de René também fosse sua.

— Sofro por ouvir o seu sofrimento, René.

— É assim que tenho vivido nos últimos tempos.

— Da próxima vez que se sentir triste ou ansioso e achar que não tem ninguém, lembre-se de que a floresta e a praia estão sempre lá, à espera de o acolher, no colo que dão. O colo de uma mãe.

René sentiu os olhos humedecerem-se. Gaia sorriu docilmente.

— Curiosa expressão, a sua. Aquilo que mais falta me fez foi, precisamente, o colo da minha mãe.

— Então, René, lembre-se disto: a mãe biológica pode falhar, mas a mãe

divina não falha.

— A mãe divina?

— Sim. A mãe Natureza! Quantos problemas temos nós por nos termos esquecido da mãe divina?

— Não me diga, a Gaia é daquelas que preferia que o Homem ainda vivesse em cavernas?

— Não, René. Preferia aquilo que a Natureza ensina: o equilíbrio. Sabe, René, há mães que abandonam filhos, mas também há filhos que abandonam mães. E nós, como filhos, andamos muito esquecidos da nossa mãe divina.

René parecia estar a assimilar tudo o que Gaia lhe dizia. A serenidade natural que brotava de si parecia relaxar toda a vontade que René tivesse de ser amargo ou de a desafiar.

— O Homem, como filho, sentiu vontade de sair de casa da mãe. E que bom que foi! Quanto progresso não resultou dessa busca por mais? Mas sair de casa da mãe não significa abandoná-la, René. E o Homem abandonou-a. Abandonou a mãe divina. Deixou de a visitar. De a respeitar. De a cuidar. De a sentir. Deixou de a amar.

— E ela?

— Fez o que uma mãe faz. Permaneceu no seu lugar, incondicional, à espera de que o filho regressasse. Mas o filho não se limitou a abandoná-la. Quis destruí-la. Quão tonto tem de ser o Homem, René? Onde é que já se viu o fruto matar a raiz e esperar sobreviver? Que fruto teria existido, na ausência de uma?

— A Gaia parece uma sábia ancestral a falar.

— Estou a ser uma chata, não estou? Desculpe. Este tema entusiasma-me — disse, fazendo uma festa ao cão.

— Não se preocupe. Já vivi momentos bastante mais estranhos neste metro.

— Toda a gente acha que a mãe divina está zangada. Que está a castigar os filhos.

— E não está?

— Não é assim que a vejo.

— Como a vê, então?

— René, a vida é uma permanente dança entre o amor incondicional e o amor-próprio. A mãe divina ama incondicionalmente, mas também se ama. Ela não está a vingar-se: está a proteger-se.

— Não sei se percebo.

— Ninguém pode amar incondicionalmente se não se amar. Repare, René, a

Natureza dá, dá e dá. O Homem desligou-se dela a ponto de a querer destruir. Ela precisa de se proteger. E tudo para quê? Para poder continuar a dar. Não há amor incondicional sem amor-próprio, nem amor-próprio sem amor incondicional. Estão ligados.

— Caramba, Gaia. Leu tudo isso onde?

Gaia riu-se.

— René, as únicas folhas que leio são as das árvores!

René riu de volta.

— Também não sou grande leitor. Talvez devesse ler mais.

— As folhas das árvores?

— Quem sabe!

— René, se a nossa consciência não se transformar a tempo, a Natureza vai fazer o que a política e a religião não conseguiram fazer. Vai ser a Terra Mãe a ensinar-nos que todos somos filhos e, por isso, irmãos. Estamos todos ligados, René. O que um faz a um ecossistema num lado do mundo afecta outro, no lado oposto. É assim com a Natureza, é assim com os humanos. Sempre que um de nós falha, falhamos todos. Sempre que um de nós se eleva, elevamo-nos todos. Que bonita lição da Mãe, não acha?

— Além de ler as folhas das árvores, a Gaia também as fuma? — Voltara o sarcasmo de René, embora desta vez com um tom mais suave na voz.

— Não as fumo, mas gosto muito de consumir o que a Natureza me dá. Tenho a minha horta caseira!

— Não me diga, a Gaia também é das que não come carne?

— Sou, sim, mas não imponho isso a ninguém. Só peço o que a Natureza pede: o equilíbrio. Uma alimentação equilibrada faz bem a tudo.

— É sempre sobre equilíbrio.

— É por isso que podemos e devemos visitar a Natureza quando nos sentimos desequilibrados! Sabe que me incomoda mesmo nessa questão da carne, René?

— Não, mas aposto que vou saber!

— Antigamente, os Homens eram gratos à Natureza. Chegavam mesmo a ser gratos antes de receber! Ofereciam algo à Natureza, pedindo-lhe boa caça, boas condições atmosféricas. Eram gratos, antes de terem motivos para o ser. Hoje, o Homem extrai tanto da Natureza, esgota-a, tem tantos motivos para lhe agradecer, mas usa-a com total indiferença, sem nada lhe oferecer. O René conhece a série *Era Uma Vez*?

— Não tenho tempo para séries.

— Temos sempre tempo para o que quisermos ter, René. Pois bem, nessa série, as personagens da Disney ficam presas num mundo onde os finais felizes não podem existir.

— Que mundo é esse?

— O nosso.

— Podia ter sido eu a escrever esse guião!

— René, é a premissa da série. Não é como termina.

— Não me faça *spoilers*!

— O René não tem tempo para a ver.

René riu-se. Estava, genuinamente, a simpatizar com Gaia.

— E porque se lembrou dessa série agora, Gaia?

— Bem, nessa série aparece o caçador da Branca de Neve. E no momento em que nos mostram o caçador a tirar a vida a um animal, ele comove-se e diz algo como: «Morreste para que eu possa viver. O teu sacrifício é honorável. Obrigado.» Foi isto que se perdeu, René. A gratidão pela entrega da Mãe. Em recursos, em alimento, em ar puro, em vida. Tudo o que há na Natureza é uma dádiva. É-nos dado, mas não nos é devido.

— Obrigado, Gaia. Se hoje voltar a ter uma das minhas insónias, pelo menos vou ter algo bonito em que pensar.

Gaia riu-se. E perguntou:

— Anda a dormir mal, René?

— Eu mal ando a dormir, Gaia! É mais isso.

— Prometa-me que vai repensar a sua ligação com a Natureza.

— Prometo que vou tentar. Está bem assim?

— A sério, René. A ciência já começa a conseguir convencer a mente mais analítica da veracidade deste discurso meio fora da caixa.

— A pseudociência, quer a Gaia dizer.

— Não, não. A ciência, mesmo. Está estudado e provado que o contacto com a Natureza diminui o cortisol, aumenta a serotonina, regula o apetite e a memória e...

— Não me vai dizer que cura a depressão.

— Vou dizer que a combate, René. Temos sempre de fazer a nossa parte. Nenhuma cura acontece se o Homem não fizer a sua parte.

— Mas a ciência é importante.

— Ninguém o nega. Mas o estilo de vida também o é. Se alguns hábitos

contribuem para o aparecimento ou o fortalecimento de uma depressão ou de estágios depressivos, então a mudança desses hábitos pode contribuir para o desaparecimento ou, pelo menos, o enfraquecimento de uma depressão ou de estágios depressivos.

— Mas esta vida acelerada que levamos não facilita...

— Pois não, René. Temos de desacelerar. De voltar a ter tempo para sentir o sol pela manhã. Quinze minutos de sol matinal mudam tudo, sabia? A vitamina D que recebemos do sol ajuda o cálcio a fixar-se, a pressão arterial diminui e o humor melhora. Simples quinze minutos por dia. Não tem tempo para tirar quinze minutos para si, René?

— Tenho usado o meu tempo a pensar no tempo que perdi.

— Que perda de tempo.

René voltou a rir-se.

— Gaia, não me lembro de quando foi a última vez que mostrei os dentes tantas vezes!

— Eu tenho este efeito nas pessoas — disse Gaia, fingindo uma presunção que, em si, não soava credível.

— Tenho passado os últimos meses a sentir-me muito só, Gaia, muito abandonado. Cheio de dores e mágoas por resolver. Nunca ninguém me tinha explicado que a Natureza estava lá sempre para mim. É uma perspectiva que me faz sentido e que, se tivesse conhecido e percebido mais cedo, talvez tivesse, pelo menos, suavizado os fardos que carrego.

— Que bom saber que este nosso encontro lhe deixou algo positivo, René! Sempre que sentir esse fardo, descalce-se e caminhe sobre a pele da Mãe.

— A pele da Mãe?

— Sim. A terra, a relva, a areia. A pele da Mãe assume tantas formas.

— Caminhar descalço na Natureza, é isso?

— *Grounding*. Outro fenómeno que tem sido estudado e que tem benefícios cada vez mais comprovados para a saúde.

— Se a Natureza fosse um produto vendável, a Gaia seria a sua melhor vendedora!

Gaia riu-se.

— Não preciso de vender o que abunda em gratuidade.

— Não sei se vou já experimentar andar descalço por aí sempre que me sentir em baixo, mas prometo que vou ponderar.

— Pode sempre abraçar uma árvore. Ou um cão! O importante é manter o

contacto com a Mãe.

René voltou a ficar com os olhos humedecidos.

— É curioso. Este metro não tem sido brando comigo. Tenho vivido aqui coisas muito estranhas e hoje pensei em não entrar, mas foi aqui o seu amigo de quatro patas que me fez ceder.

René fez uma festa em Bedisa.

— Já alguma vez abraçou um cão, René?

— Não, nunca.

— Adoro abraçar o meu. E gosto de encostar o meu ouvido ao seu coração. Confesso que faço o mesmo com as árvores.

— Mas elas não têm coração...

— Mas têm vida. E tudo o que tem vida tem pulsação. E a da árvore, a do cão e a do René são a mesma. Todos somos um único coração.

— Gaia, a sua presença embala-me. É como se sentisse que podia deixar-me adormecer enquanto a oiço.

— Foi a forma mais bonita de me dizer que dou sono!

— Não, desculpe, não era isso que queria dizer. É só porque, consigo, sinto uma coisa que já não sentia há muito.

— E isso é o quê?

— Paz.

— Que bom, René. A paz é um dos principais sintomas da presença de amor.

— Ah, o meu coração já está ocupado!

Gaia riu-se.

— René, o amor é muito mais do que a ligação homem-mulher. Ele está por toda a parte, pronto para nos regar e ser regado.

— É curioso que diga uma coisa dessas. Nestes últimos dias, por mais que as regue, as plantas de minha casa parecem querer morrer. Tem uma explicação para isso, Gaia?

— Todas as explicações vêm ter connosco no tempo certo, René.

— Já a estava a achar demasiado normal para este metro.

A viagem aproximava René do seu destino, mas Gaia ainda tinha algo para lhe dizer.

— René, diz que anda a dormir mal e que mal anda a dormir.

— Digo, não! Ando mesmo.

— Já experimentou fazer exercício?

— Eh, pá, Gaia...

— Pronto, pronto. Mas não descarte a hipótese. Precisamos de pôr o corpo a mexer! Às vezes, a cura emocional também passa pela cura física.

— Vou pensar nisso.

— Mas não era só isso que lhe ia dizer.

— Então?

— Tenho algo simples que poderá ajudar com o seu sono. — Gaia levou a mão à bolsa a tiracolo que transportava consigo e, de lá, extraiu folhas de chá. — Tome.

— Que é isso, Gaia?

— Não se preocupe, René. Não vai esticar nem encolher. Mas far-lhe-á maravilhas!

René sorriu com a referência cultural que Gaia fizera. A mulher continuou enquanto lhe entregava as folhas de chá:

— Camomila. A Natureza é mãe. Conhece as necessidades do filho.

— Isto vai fazer-me dormir?

— Vai ajudar. Quando beber o chá, René, demore-se nele. Sinta-lhe a temperatura. O aroma. O sabor.

— Já estou a sentir sono só de imaginar o processo.

— A ideia é essa. Relaxar. Devolvê-lo ao presente. Deixar-se ir.

René aceitou a camomila na sua mão e guardou-a.

— Combinado, Gaia. Prometo que vou experimentar.

O metro aproximava-se da estação onde René teria de sair. Levantou-se, agradeceu a Gaia, fez uma festa a Bedisa, e, no momento que virou costas, ouviu a voz da mulher dizer-lhe:

— Bons sonhos, René.

O SONHO

René sabia que era adulto, mas via-se novamente criança. Estava na sala de casa dos pais. O pai tinha acabado de entrar consigo. Procurava pela mãe, que devia ter chegado há horas. Nada. Silêncio. Vazio. No lugar da mãe, o pai encontrara uma carta. A carta. Lágrimas de dor percorriam o seu rosto. «Que tens, pai? Pai, que tens?» «A tua mãe deixou-nos.» De repente, René já não estava na sala. Estava numa igreja. Grande de mais para o aproximar do divino. Pequena de mais para conter toda a sua humanidade. Vultos negros cercavam-no. Por todo o espaço, uma voz ecoou. *Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas disse uma só palavra e serei salvo.* Nos seus ouvidos, a voz do pai gritou. «A tua mãe deixou-nos!»

Sobressaltado, despertou. René estava, de novo, na sua cama, a olhar para o tecto. Na mesa de cabeceira, repousava a chávena do chá que bebera. Não sabia que horas eram, mas pressentia que estava quase a chegar o momento de se levantar para apanhar o metro. Tinha sido só um sonho mau. A prova de que precisava para saber que tudo o resto tinha sido real.

CARRUAGEM VI

René levantou-se antes do despertador tocar. A frase do seu sonho não parava de lhe ecoar na mente. *Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma só palavra e serei salvo.* René não era uma pessoa religiosa. A fé da mãe não a impedira de o abandonar, e a do pai não o salvara da sua profunda tristeza. René não via na religião a salvação que prometia. E, no entanto, naquela manhã, eram precisamente aquelas palavras religiosas de salvação que teimavam em não o largar.

Foi tomar um duche, na expectativa de que a água as levasse. Resultou. O pesadelo da rotina faz esquecer qualquer sonho. Até os menos bons. Trocou o pequeno-almoço por um café americano e, quando deu por si, já eram horas de sair.

Saiu de casa. Dirigiu-se à entrada da estação. A escada rolante estava novamente avariada. O início da habitual repetição. «Mas tu ainda não percebeste? Não há *a seguir a este*. O teu metro *é este*.» As palavras do homem de saia voltavam a assombrar René. Desacelerou o passo, na morosidade da dúvida de querer entrar novamente naquele metro. René queria provar a si próprio que era livre. Que o seu metro era o metro que ele quisesse. Que nenhum louco de saias lhe podia dizer o contrário. Passou o passe pelo pórtico e ouviu o *beep* que confirmava a repetição a que diariamente se habituara. Desceu a segunda escadaria e caminhou pela plataforma, aguardando a chegada do transporte. Detectou a presença de todos os que ali já (re)conhecia. Olhou para o painel que previa a sua chegada. Sete minutos. *Não, desta vez não vai ser igual*, pensou. Essa era hoje a motivação da sua ida: escolher não ir.

A plataforma começou a estremecer. O ruído do metro a trilhar os carris

anunciava a sua aproximação. O coração de René começara a palpitar aceleradamente. Ele era livre. Ele não tinha de fazer esta viagem. Aguardava no sítio onde pararia a primeira carruagem. O metro chegou. Começou a abrandar. René começou a caminhar da primeira carruagem até à última. E lá estavam eles. Salomé e o filho. Nathaniel. A ausência de Hulda. O homem da saia cor-de-rosa. Gaia a correr atrás de um invisível Bedisa. E a sexta carruagem. Foi junto a essa que se deteve. O metro parou. Embora não quisesse entrar, René queria saber quem o esperava na carruagem seguinte. As portas abriram-se. Para espanto de René, a carruagem parecia estar vazia. Como era possível, em plena manhã, uma carruagem inteira estar vazia? René debatia-se com a vontade de não mais entrar naquele metro e com a curiosidade que o impulsionava a seguir viagem na carruagem seguinte. Ao fundo, um grito que lhe era familiar.

— O FIM ESTÁ PRÓXIMO.

Aquelas palavras, vindas de quem já conhecia, fizeram-no pensar nas últimas que o homem de saias lhe dirigira. «Não desistas agora.» Olhou para o topo do metro. Percebeu que faltavam apenas duas carruagens para o ficar a conhecer por inteiro. E se esta fosse mesmo a sua viagem? E se não houvesse outra viagem que tivesse de fazer? E se este fosse o seu destino? Estaria ele a falhar, de alguma forma, se escolhesse não entrar? Os três *beeps* fizeram-se ouvir, anunciando o iminente fecho das portas. René não podia arriscar falhar mais. Num impulso, decidiu entrar. Mas teria sido realmente ele a decidir ou teria sido uma força maior a decidir por si?

Quando entrou, espreitou para o fundo da carruagem e pareceu confirmar que esta se encontrava totalmente vazia. Sentou-se. Escassos minutos depois, começou a sentir um odor intenso a invadir-lhe o olfacto. «Que raio...», deixou escapar, espreitando novamente o fundo da carruagem. Levantou-se e começou a caminhar por entre os bancos. Avistou um pequeno fio de fumo vindo do final da carruagem. Acelerou o passo, por pensar tratar-se do início de um incêndio. Estancou quando percebeu que o fio de fumo provinha de um dos quatro bancos finais, mais propriamente do passageiro que lá ia sentado. O único.

O passageiro estava de costas para René. Sentado de pernas cruzadas. Todo trajado de branco. À sua frente, um incenso ardia. O homem emitia um som estranho e permanente. *Ommmmm*.

— Eu não acredito nisto...

René dirigiu-se aceleradamente ao homem, com a intenção de lhe tocar no ombro, de interromper aquele momento e lhe pedir que apagasse o incenso, mas

surpreendeu-se quando este lhe dirigiu a palavra, sem sequer se ter virado.

— Bem-vindo, René.

René parou de imediato, visivelmente assustado.

— Não tenhas medo. Aproxima-te. Estava à tua espera.

René caminhou lentamente para junto do homem. À medida que se aproximava, reparava melhor naquela figura, procurando nela sinais de perigo. A sua careca reluzente era o farol que o guiava. A túnica e as calças brancas que usava pareciam alinhadas com a pacífica meditação que fazia. Quando René contornou o homem e o viu de frente, percebeu que este tinha os olhos fechados. No decote que a túnica deixava à vista, uma cruz tatuada. Ao pescoço, uma Estrela de Davi pendurada. Em cada um dos pulsos, expostos pela posição meditativa em que os repousava sobre as pernas, as metades do Yin e do Yang também tatuadas. Nos tornozelos, uma pulseira em cada, transportando uma um leme de oito pontos e outra um carácter devanágari, que René reconhecia como sendo o símbolo OM.

— Como sabes o meu nome?

O homem sorriu.

— Se tu soubesses as coisas que se podem ficar a conhecer de olhos fechados e em silêncio, René...

O homem abriu os olhos, passando eles a ser farol.

— Senta-te. Estás a precisar de meditar.

René sentou-se. Fechou os olhos. Colocou-se em posição meditativa. Imitou o som estranho que o homem emitira minutos antes. *Ommmmm*. Até que, num ímpeto, quebrou a postura e disse:

— Não resulta. Vais mesmo ter de te apresentar.

O homem riu-se.

— Gurudeva.

— Vais ser tu que me vais explicar que raio se está a passar neste metro, Gurudeva?

— Não, René. Vais ser tu a perceber. Os verdadeiros mestres não ensinam: despertam o conhecimento.

— Ah, és um mestre?

— Somos todos. A Terra é uma escola de mestres e de aprendizes.

— Sou, certamente, um aprendiz.

— És as duas coisas. Na Terra, somos sempre as duas coisas. Só abraçando a dualidade poderemos, finalmente, ser inteiros.

— Estou farto de que falem comigo em código. Preciso de respostas!

— Precisas de paciência. A paciência traz respostas.

— Ficas já a saber que eu não acredito em nada destas coisas — disse René, apontando para o guru.

— Destas coisas?

— Sim. Religiões e afins.

O homem sorriu sarcasticamente. Descruzou as pernas e, do bolso das calças, extraiu um cigarro que acendeu com o isqueiro que tinha consigo.

— Tu estás doido!? Não podes acender um cigarro no metro! — reagiu René.

— Neste, posso. Queres um?

— Pensei que a vida espiritual fosse sobre o desapego.

— E é. No desapego, podes experimentar sem depender. Eu não preciso deste cigarro. Quando não precisamos, somos livres. Podemos escolher se o queremos ou não. Quando queremos, damos uma passa — inalou e expirou —, quando já não queremos, apagamo-lo com a mesma liberdade com que o acendemos. E tu, René, és livre?

— Eu não fumo.

— Isso não responde à minha pergunta.

— Sou mais livre do que tu, que acreditas nesses rituais!

— Serás assim tão livre, René? Vives preso à tua vontade de tudo desacreditar.

O que é a vida, senão um acto de fé?

— Não me peças para acreditar na vida, quando foi a vida que me fez descrente.

O guru inclinou-se na direcção de René, com ar de quem iria partilhar consigo um segredo muito bem guardado.

— E se eu te dissesse que a vida te mostra sempre a tua crença?

— Não sei se compreendo.

— Que, quanto mais acreditares nela, mais a vida te dará motivos para dela não duidares e que, quanto menos nela acreditares, mais ela te dará motivos para dela desconfiares.

— Queres, por isso, dizer que a culpa é minha?

O guru riu-se.

— Pensei que já tivesses aprendido a separar culpa de responsabilidade.

— A minha mãe abandonou-me. O meu pai entrou numa depressão profunda que o ausentou de si. Eles eram pessoas de fé. De que lhes serviu?

— Eles não eram pessoas de fé. Eram pessoas de um credo. Pessoas de fé são

outra coisa.

— Não sei se gosto da forma como falas.

— Não sabes se gostas da forma como percepcionas a forma como falo.

— Podes parar de me culpar?

— De te responsabilizar.

— Não gosto da forma como falas.

— E se, em vez de uma desculpa para desacreditares, visses nas dores da vida o motivo para acreditares ainda com mais força? E se a escuridão fosse só a vida a provocar-te a necessidade de acenderes a luz?

— Se tudo está escuro, como posso encontrar o interruptor?

— Recordando-te de que tu és a luz que queres acender. Tu não precisas de ter uma religião, René. Mas precisas de ter fé.

— Fé em quê?

— Em ti.

— Isso não é um bocadinho egoísta?

— Quando tens fé em ti, tens fé em todos. Quando descobres que a luz que procuras é a luz que és, percebes que os outros estão só às escuras, em busca de descobrir o mesmo.

— Eu não entendo. Porque tem de existir a escuridão?

— Para poderes escolher a luz.

Aquele verbo incomodara René.

— Escolher... isso existe? — perguntou.

— Ah, o eterno dilema...

Desta vez, foi René que se inclinou na direcção de Gurudeva.

— Tenho pensado muito nisso. Diz-me: se eu não tivesse apanhado este metro, ele teria reaparecido para me apanhar?

— Depende. Há coisas que estão destinadas a acontecer e que, por mais que as rejeitemos, vêm a nós, no tempo certo. Há outras que somos nós a criar como destino.

— Acreditas, então, que a nossa vida está traçada?

— Não. Acredito que partes fundamentais dessa vida estão predeterminadas. O sítio onde nascas, a família com que nascas, algumas vidas e circunstâncias com que te irás cruzar e deparar. Mas acredito igualmente que, perante o que estiver traçado, serás sempre livre de escolher como agir e que é nessa escolha que reside o teu verdadeiro poder.

— E quem é que predeterminou essas partes já traçadas?

— Tu mesmo.

— Eu!?

Gurudeva deixou toda a sua sabedoria transbordar no seu sereno tom.

— René, importa que nunca esqueças isto: mesmo quando o destino está traçado, a viagem é tua.

— Como uma viagem de metro?

O guru sorriu.

— Como uma viagem de metro.

René parecia estar intrigado com parte da informação que recebera.

— Eu escolhi a minha família?

— Sim. Todos escolhemos.

— Essa custa muito a engolir.

— Tens de partir sempre da metáfora da escola. A Terra é uma escola. Quando vamos para a escola, precisamos de nos matricular. Matriculamo-nos sempre na área, no ano e na turma certos para nós. A primeira turma é a nossa família. O nosso eu superior sabe que precisa daqueles mestres e aprendizes para, também ele, se fazer mestre com o que, com eles, ensinar e aprender. Às vezes, por imitação. Outras vezes, por oposição. Às vezes, em amor. Outras vezes, em dor.

René era um aluno com dúvidas.

— O que nos ensina uma mãe que nos abandona?

— Que te tens a ti.

— O que nos ensina um pai que deprime e se isola?

— A pedires ajuda e não te isolares, quando fores tu a sentir tristeza.

— E se falharmos o ano?

— Se falhares a vida?

— Sim, se falhar! Se não aprender o que devia ter aprendido.

— Reprovas. Mas, tal como na escola, poderás partir do mesmo ponto e repetir.

— Bem, isso é um convite a não acertar à primeira...

— Pelo contrário, René. Tal como na escola, se tiveres de repetir, a exigência do professor será maior para contigo. O que doeu irá doer mais. O que tiver custado irá custar mais. O melhor que tens a fazer é saber que é aqui e agora que estás e que é aqui e agora que te superas.

— É fácil falar.

— René, a tua vida tem sido assim tão má?

René olhou o homem com um misto de indignação e de surpresa.

— Sempre que foi má, foi muito.

O homem insistiu.

— Mesmo assim. Não tens nada que lhe possas agradecer? Nada de nada?

Absolutamente nada?

— Às vezes, a vida dói tanto que não nos conseguimos lembrar do que temos para lhe agradecer.

— Certo, mas se fizermos um esforço percebemos que há sempre qualquer coisa a agradecer. Sempre.

— Eu acho que já não sei agradecer.

— E é por isso que é tão importante praticar a gratidão. Ela é como um músculo. Se deixas de a treinar, enfraquece, atrofia. Mas vais sempre a tempo de a reabilitar.

— A gratidão não apaga o abandono da minha mãe.

— Mas faz-te perceber que tiveste uma, que, com o seu corpo, te deu vida.

— A gratidão não apaga a memória da depressão com que o meu pai morreu.

— Mas faz-te perceber que tiveste um pai carinhoso, até que ele tivesse adoecido.

— A gratidão não traz de volta a mulher da minha vida.

— Mas faz-te perceber que viveste esse amor.

— A gratidão é o outro lado da moeda?

— Não, René. A gratidão é o tesouro inteiro.

Pensativo, René coçou a cabeça.

— Não sei se consigo já agradecer essas coisas.

— Começa pelas mais simples. Pelo ar que respiras, pelo café que bebes de manhã. E vais perceber que a gratidão tem o dom da multiplicação. Quando deres por ti, estás a agradecer o que tens e o que não te lembravas de ter!

— Vou tentar.

— Tenta. E tenta outra coisa, René.

— O quê?

— Agradecer o que ainda não tens.

— A malta espiritual é mesmo toda meio avariada, não é?

O homem riu-se.

— Mal não faz e, no limite, até te poderá fazer bem.

— Como posso agradecer uma coisa que ainda não tenho?

— Acreditando que a terás.

— Isso não é viver num estágio próximo do delírio?

— É um delírio inofensivo, René. Se conseguires agradecer uma coisa que ainda não tens, comesças a comportar-te como se já a tivesses. Deixas de precisar dela, e, quando menos esperares, a vida põe-ta nas mãos.

— Claro, porque a magia existe! — disse René com sarcasmo.

— René, o Homem vive numa enorme bola de terra e de água suspensa à distância perfeita de uma enorme bola de fogo incandescente, de modo a albergar vida. Tudo isto algures num Universo infinito de que só conhece uma ínfima parte, e, ainda assim, teima em não acreditar em magia.

— Isso é ciência.

— E que é a ciência senão magia fundamentada?

— Eu não percebo. Tu és pela ciência, pela fé ou pela magia?

— Eu sou pela magia de unir a fé à ciência! Só achamos antagonismo onde ainda não aprendemos a encontrar complemento.

— Explica-me, então, cientificamente, como é que eu posso acreditar que tenho o que ainda não tenho?

— Essa é fácil, René. O cérebro tem a capacidade de acreditar naquilo que imagina com tanta ou mais força do que tem de acreditar naquilo que vê. Basta que te imagines a viver o que gostarias de já ter vivido. Que feches os olhos, relaxes e medites nas imagens que queres viver e nas emoções que sentirias ao vivê-las. Sobretudo, nas emoções.

— Hum...

— Não acreditas?

— Não sei se acredito.

— Pensa num trauma. O cérebro é exposto a uma vivência emocionalmente forte. De tal forma que, quando confrontado com circunstâncias parecidas, se comporta como se estivesse a reviver a mesma situação.

— Sei disso. Tenho trauma de abandono. Passei a vida a revivê-lo.

— Vês? Funciona para repetir o passado. Porque duvidas de que possa servir para repetir o futuro?

— Repetir o futuro?

— Sim. Primeiro, imprimes a imagem no cérebro. Depois, a vida encarregar-se-á de ta fazer reviver. O pensamento é a ignição, a emoção é a atracção.

— Estás, por isso, a dizer-me que o meu cérebro cria a minha realidade?

— Não exclusas o coração. É lá que mora a verdadeira emoção.

— O cérebro e o coração.

— O teu cérebro e o teu coração são ambos receptores e criadores, René.

Reagem e registam o que lhes acontece, mas podem sempre criar e registar o que gostariam que lhes tivesse acontecido. Porque achas que duas pessoas, expostas aos mesmos eventos traumáticos, conseguem seguir caminhos completamente diferentes?

— Porque são pessoas diferentes.

— Certo. Mas se uma consegue fazer com a vida o que a outra, nas mesmas circunstâncias, não consegue, talvez exista nessa pessoa alguns comportamentos que valham a pena imitar.

— Nunca são exactamente as mesmas circunstâncias.

— E é por isso que é tão importante recordar que a Terra é uma escola. Podemos sempre aprender com as circunstâncias do colega do lado. Pedir-lhe ajuda para estudar a matéria. Às vezes, para aprender a fazer como ele. Outras vezes, por ser preciso fazer com ele. Na escola, não há apenas trabalhos individuais. Também existem os de grupo!

— E quando o cérebro e o coração se danificam para lá da solução?

— Aí, cabe ao cérebro e ao coração da sociedade despertarem para a empatia de cuidar desse indivíduo.

— E como posso saber se o meu cérebro e o meu coração estão danificados para lá da solução?

— Quando já não tiveres vontade de fazer perguntas dessas. Enquanto tiveres, é sinal de que sabes que algo se passa. Pede ajuda.

Fez-se silêncio. René começou a recordar as suas dores. Não se sentiu vítima. Sentiu-se humano. A emoção começou a apoderar-se dos seus olhos, em reflexos de água que os humedeceram.

— Gurudeva...

— Diz, René.

— Eu acho que preciso de ajuda...

O homem abraçou René. Coração com coração, como os abraços devem ser.

— Tu precisas de perdoar.

— Eu não sei perdoar, Gurudeva...

— Reza, René. Perdoar é rezar com o coração.

— Eu não sei rezar.

— Toda a gente sabe rezar, René. Rezar não é uma acção específica. É um modo de vida. Quando perdoas, estás a rezar. Quando amas, estás a rezar. Quando ageres com alguém como gostarias que agissem contigo, estás a rezar.

René afastou-se do abraço, com o olhar ainda humedecido.

— Como podemos perdoar o imperdoável?

— Percebendo que nada o é.

— Nada? Não estarás a exagerar?

— Não, René. Não estou a exagerar.

— Mesmo quem tira uma vida?

— René, imagina-te a tirar uma vida.

— Não consigo.

O corpo de René pareceu contrair-se com o pedido de Gurudeva.

— Imagina-te.

— Já te disse que não consigo!

— Ótimo. Como terias tu de estar, para fazer uma coisa dessas?

— Completamente desesperado ou doente.

— Eureka! As pessoas que fazem mal são pessoas que estão completamente desesperadas ou doentes.

— Não serão só pessoas más?

— E que é o mal senão a doença da ausência do bem?

— Visto dessa forma, talvez seja mais fácil perdoar-lhes.

— Ainda bem que percebes, René. Vais precisar dessa noção de perdão.

— Deve ser mais fácil para vocês.

— Para nós?

— Sim, os religiosos.

— Eu não sou religioso, René.

— Não?

René estava admirado com a revelação.

— Religião. Do latim *religare*. Sabes que significa? *Voltar a ligar*.

— Pensei que fosse uma instituição. Ou várias.

— Elas gostam que acredites que sim. Para que as vejas como algo extremamente sério e penses que a única via de te voltares a ligar acontece através delas.

— Bem, pareces um crítico das religiões.

— E sou.

— Porque ostentas tantos dos seus símbolos, então? — perguntou René, apontando para todos eles.

— O meu corpo é o meu templo e nele eu escolho como rezar.

— Não estou a julgar a liberdade de os poderes usar. Gostava mesmo de perceber o motivo. Se não és religioso, para que servem todos os símbolos?

— Para me lembrar de que os símbolos são só tentativas de dar forma à mesma essência. Não achas estranho que instituições que se assumam como religiões — *religare* — tenham sido e ainda continuem a ser responsáveis por andarmos tão desligados uns dos outros?

— Mas se discordam em tanta coisa...

— Achas mesmo?

— Não discordam?

— No fundamental, não. Concordam que colhemos o que semeamos; que o perdão é o caminho para a redenção; que a paz deveria ser o nosso modo de vida; que a regra de ouro é fazer aos outros o que gostaríamos que os outros nos fizessem; que a alma é imortal, que o homem é feito à imagem e semelhança de Deus e que Deus é amor.

— Eu não sou feito à imagem e semelhança de Deus, Gurudeva.

— «*Namaste*», dizem os hindus. O divino que mora em mim reconhece o divino que mora em ti, querem eles dizer. «O reino dos Céus está dentro de ti», dizem os cristãos. Tu és sagrado, querem eles dizer. Todos somos. Todos somos uma só alma. Sempre que maltratas ou que te maltratas, és Deus a magoar-se a si mesmo.

— Se eu sou Deus na forma humana, por que raio me iria magoar?

— Porque te esqueceste do Deus que és. Quando estás a sofrer, estás desconfortável. Como se soubesses que aquela dor não és tu. Não é a tua origem, nem o teu destino.

— Então é o quê?

— Parte do caminho. O desconforto da dor é a lembrança de que tu não a és. Não fujas. Continua a caminhar. Pede ajuda. Mas não deixes que a dor te confunda a ponto de te confundires com ela. Tu não és a tua dor. Tu és o divino que a observa.

René permaneceu em silêncio. Aproximavam-se da estação onde sairia.

— Há mais uma coisa em que várias religiões concordam, René. «Honra o teu pai e a tua mãe.»

René não conseguiu esconder o desconforto com esta afirmação.

— Desculpa, mas é à custa de pedidos desses que há pessoas a sofrer nas mãos de familiares!

— Honrar o pai e a mãe não te obriga a dares-te com o teu pai ou com a tua mãe, René. Nem sequer te obriga a permitir-lhes nada. Honrá-los significa continuar o que de bom te tenham deixado e transformar o que de menos bom

tenhas com eles vivido ou tenhas sabido que viveram. Podes fazê-lo na presença ou na ausência. Nunca esquecendo que, para lá dos pais do corpo, tens os pais da alma: o pai e a mãe divinos.

— O pai e a mãe divinos... Deus é masculino ou feminino?

— As duas coisas. O Céu e a Terra. E tu, como canal. Estar vivo é isso. É ser canal entre o Céu e a Terra. É trazer o Céu à Terra e levar da Terra as lições necessárias para o Céu. Se estiveres vivo no plano físico e estiveres demasiado num destes pólos, estarás a falhar o propósito da vida.

— O propósito da vida?

— O regresso à unidade.

— Eu achei que um guru devia ser amigo.

O veículo aproximava-se da estação.

— E não fui? Até te ofereci um cigarro!

— Os amigos não nos abanam desta maneira!

— Tu não querias um amigo, René. Querias um cúmplice. Os amigos são sempre cúmplices, mas os cúmplices não são sempre amigos. Eu fui teu amigo. Todos, neste metro, foram. Em breve, irás percebê-lo.

O metro parou. René olhou para o guru, antes de sair, e, com um discreto sorriso e de mãos juntas, numa ligeira inclinação de cabeça, despediu-se dele:

— *Namaste*.

A CANÇÃO

René despertou alvoroçado. Tinha tido o mesmo sonho da véspera. Sinal de que dormira, mas de que também no mundo onírico tudo se repetia.

O pai a procurar pela mãe. O silêncio. O vazio. A carta. As lágrimas. «A tua mãe deixou-nos.» A igreja. Os vultos negros. As palavras que ecoavam. *Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma só palavra e serei salvo.*

René levantou-se. Pegou no telefone, que indicava a hora. Era madrugada. Tinha tempo para pesquisar a expressão que o atormentava, naquele estranho sonho. Descobriu que derivava de uma passagem bíblica, Lucas 7:7-6.

Um centurião romano, afeiçoado ao seu servo, que se encontrava doente, pedira a Jesus que o curasse. Por não se sentir digno de si, dissera-lhe: «Senhor, não te incomodes, pois não sou digno de que entres debaixo do meu tecto, pelo que nem me julguei digno de ir ter contigo. Mas diz uma palavra e o meu servo será curado.» Era um exemplo de fé e de humildade que os cristãos converteram num dos momentos-chave da eucaristia. Antes de comungarem, evocam sempre esse episódio. É uma forma de dizer que sabem que, mesmo não se sentindo dignos, perante a palavra de Jesus todos o são.

René continuava sem perceber por que raio aquelas palavras lhe apareciam naquele sonho. Não era cristão. Perguntava-se se teria que ver com os pais, que eram. Sobretudo, a mãe, que não falhava uma missa dominical. Deu voltas e voltas ao pensamento, mas não conseguiu recordar nada que lhe fizesse sentido.

Lembrou-se da conversa com Gurudeva. Não deixava de ser curioso que, entre a primeira e a segunda vez que sonhara com tais palavras, tivesse tido uma conversa tão profunda sobre espiritualidade. «Tu precisas de perdoar», dissera-lhe o guru, quando René assumira precisar de ajuda. Sabia que era verdade.

Abriu o portátil. Clicou na pasta «Mãe». Era lá que tinha um vídeo do seu primeiro ano de vida, que costumava rever. Clicou no ficheiro. Um bebé apareceu no ecrã. Emitia os sons que um bebé daquela idade sabe emitir. Uma mulher loira, de cabelo encaracolado, surgia. A pele, branca e reluzente, a condizer com o vestido de túnica branco que a cobria, contrastava com a falta de brilho que o seu olhar transmitia. Aproximava-se, receosa, do filho. Atrás da câmara, uma voz masculina fazia-se ouvir. «Não tenhas medo, Maia. É o teu filho. Ele precisa de ti.» A medo, a mulher começou a fazer festas no rosto do bebé. O bebé continuou a palrar. A mulher sorriu, ao mesmo tempo que algumas lágrimas caíram pelo seu rosto. Parecia emocionada com a sua capacidade de acarinhar a criança. A mulher começou a cantar. «O mar enrola na areia, ninguém sabe o que ele diz, bate na areia e desmaia, porque se sente feliz.»

De repente, o bebé começou a chorar. A mãe, ansiosa, afastou-se bruscamente. «Vês? Toma tu conta dele, por favor! Eu não consigo! Eu não consigo!» Rebentou num pranto e desapareceu. «Maia...», chamou a voz masculina. A câmara aproximou-se do bebé. «Pronto, René, o papá está aqui.»

Mas não estava. Nem o papá, nem a mamã.

René fechou o portátil.

CARRUAGEM VII

Quando deu por si, era novamente tempo de se levantar.

As plantas que tinha pela casa estavam todas mortas. Nenhuma água as salvara. Tomou o seu duche. Tomou o seu café. Retomou o seu rumo. Estava pronto para sair. Atravessou a rua em direcção à entrada do metro. Desceu as primeiras escadarias, atravessou os pórticos, ao som do *beep* do passe, desceu a segunda escadaria, aguardou pelo metro, reparou no tempo de espera, que anunciava sete minutos, viu o metro chegar e o tempo de espera permanecer igual, o metro abrandou, reparou que todas as pessoas no interior das carruagens que conhecia eram as mesmas. Primeira carruagem, Salomé e o filho. Segunda carruagem, Nathaniel. Terceira carruagem, a ausente presença de Hulda. Quarta carruagem, o homem de saias rosa. Quinta carruagem, Gaia. Sexta carruagem, Gurudeva.

Tinha chegado o dia da sétima e última carruagem. René estava estranhamente sereno. Sabia que, hoje, ficaria a conhecer a última peça do estranho *puzzle* que tinha estado a viver nos últimos dias. Melhor dizendo, no último dia, que todos os dias haviam sido o mesmo. Ele só mudara de carruagem. Hoje, René conheceria a última peça. Se depois conseguiria montar o *puzzle*, isso seria outra questão.

O metro parou. René parou em frente à sétima carruagem. As portas abriram-se. Desta vez, tudo parecia normal. Do interior, na correria do seu dia-a-dia, saíram pessoas comuns. René entrou com as que, adiando a correria, esperavam ao seu lado.

Já dentro do veículo, as portas fecharam-se. René ia a caminhar pela carruagem em busca de lugar, mas ficou estancado no meio do corredor, quando se apercebeu de que, a cada quatro lugares sentados, à esquerda e à direita, existia uma mãe,

um pai e uma criança com menos de um ano ao colo da mãe. René já tinha vivido demasiados momentos naquele metro para acreditar que aquele era uma simples coincidência, depois do vídeo que vira naquela manhã. Ainda assim, não reagiu. Permaneceu em pé e encarou a porta, tentando ignorar aquela significativa sincronia.

O metro começou a andar. Nisto, um bebé começou a chorar. Um, não. Todos. *Exactamente* ao mesmo tempo. René não conseguiu evitar olhar. E, *exactamente* ao mesmo tempo, todas as mães começaram a mostrar sinais de ansiedade e agitação. Abanavam os bebés como se quisessem desprender-se deles o mais depressa possível. O choro não parava. Ao dos bebés, juntou-se o das mães, que passaram os filhos aos pais, com palavras que René conhecia de cor. «Vês? Toma tu conta dele, por favor! Eu não consigo! Eu não consigo!» As mães levantaram-se todas em simultâneo. Dirigiram-se à porta e, quando o metro parou na estação seguinte, saíram sem olhar para trás.

René estava estupefacto com o que acabara de ver. Os três *beeps* fizeram ouvir-se. As portas fecharam-se. O choro dos bebés parou, embalado pelo colo dos pais, todos com um semblante profundamente triste. No centro do corredor, ao fundo da carruagem, uma mulher permanecia de pé. Encarava René, que de pé permanecia, no extremo oposto. René tomou a iniciativa de caminhar para ela. A mulher imitou-o.

À medida que se aproximavam, as características daquela figura tornavam-se mais nítidas para René. Primeiro, o vestido de túnica branco. Depois, a pele condizente e reluzente. Finalmente, os caracóis dourados e o olhar. René começou a abrandar o passo, mas a mulher continuou a caminhar. Parou a meio do corredor. René parou um pouco antes de lá chegar.

— Mãe?

— René...

A mãe dirigiu-se a ele para o abraçar, mas percebeu que René ficou relutante e respeitou o seu espaço. Os seus olhos iluminaram-se de um brilho emocionado.

— Que estás tu aqui a fazer?

— O mesmo que tu, meu filho.

— Eu não compreendo. Pensei que nunca mais te voltaria a ver...

— Eu sempre soube que te voltaria a ver, René.

— Não foi isso que me fizeste sentir, mãe. Tu abandonaste-me. Tu não quiseste saber de mim.

— Eu entendo que tenhas sentido isso assim, filho, mas a minha intenção

nunca foi essa. Nunca.

— Como queres que acredite em ti, depois de todos estes anos sem me dares nenhum sinal de vida?

— Eu dei-te sinais, filho, mas o teu coração estava fechado.

— Deste-me sinais, mãe? Tu deixaste-me uma carta e desapareceste. Nunca mais voltaste. Eclipsaste-te.

— A Lua e o Sol permanecem, mesmo quando se eclipsam. Há tantas formas de ficar depois de ir, René. Mas o teu coração pôs uma ordem de restrição ao amor. E o amor não se impõe. Não te podia forçar a veres-me.

— Eu não me fechei ao amor, mãe. Apesar de tudo, eu tentei descobrir o que era isso de ser amado, mas falhei sempre.

— Eu sei, René. Mesmo longe, fui sempre acompanhando a tua vida.

— Todas elas me abandonaram, mãe. Todas!

— Isso fui sempre eu a tentar que me perdoasses.

— Mas... como podia eu perdoar-te, se todas me lembravam o teu erro?

— Não se pode perdoar o que não se recorda. O primeiro passo do perdão é sempre a recordação. Mas tu não te lembras, pois não, René?

A mãe aproximou-se de René. Colocou-lhe a mão no ombro e as palavras no coração.

— Tens de te recordar. Recorda-te, René. Mergulha no que te lembras e sente.

René sabia que era adulto, mas via-se novamente criança. Estava na sala de casa dos pais. O pai tinha acabado de entrar consigo. Procurava pela mãe, que devia ter chegado há horas. Nada. Silêncio. Vazio. No lugar da mãe, o pai encontrara uma carta. A carta. Lágrimas de dor percorriam o seu rosto. «Que tens, pai? Pai, que tens?» «A tua mãe deixou-nos.» De repente, René já não estava na sala. Estava numa igreja. Grande de mais para o aproximar do divino. Pequena de mais para conter toda a sua humanidade. Vultos negros cercavam-no.

Desta vez, René, reconhecia-os. O pai. Alguns familiares. Alguns amigos da família. Todos em torno de uma enorme caixa de madeira que estava prestes a descer à terra. Perto dela, um padre falava. A sua grave voz ecoou pelo pequeno corpo de René. «A nossa querida Maia antecipou o tempo da vida e partiu. Não eram estes os planos que Deus tinha para ela...» O padre permaneceu em silêncio. Parecia emocionado. Sem saber o que dizer. «Recordemos hoje as palavras da eucaristia de que Maia mais gostava. *Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas disse uma só palavra e serei salvo.* Que Maia receba o Senhor. E que o Senhor a receba.»

René despertou. Não do sonho. Da memória. Continuava no metro, com a mãe à sua frente. A armadura de René começou a estilhaçar-se.

— Mãe... tu fizeste-me tanta falta, mãe!

René começou a chorar a dor que adiara toda a vida. Abraçou-se à mãe com a força de todos os abraços que não lhe pudera dar em todos aqueles anos, e a mãe acolheu a força daquele abraço com a suavidade que se permitiu receber e que, durante tanto tempo, se julgara não merecedora de ter.

— Meu filho... a falta que eu te fiz foi a mesma que me fizeste. Perdoa-me. Por favor, perdoa-me.

René afastou-se ligeiramente, sem nunca a largar, olhou a mãe nos olhos e disse-lhe:

— Eu achei que nunca me tinhas amado, mãe... Sempre que revia aquele vídeo, perguntava-me: «Como pode uma mãe rejeitar assim um filho?»

— Aquele vídeo, meu filho, eram os primeiros sinais de que algo não estava bem comigo. Tudo começou depois do parto. Os problemas de sono. O cansaço extremo. Achei que era normal! Afinal, durante nove meses o meu corpo tinha sido templo para o milagre de criar o teu. Comecei a ficar preocupada quando nada parecia passar. E o cansaço já não era só cansaço. Era irritabilidade. Mudanças de humor. Comecei a sentir que não era capaz de ser mãe. Que te podia fazer mal. Quando choravas perto de mim, via no teu choro uma confirmação. Só queria fechar-me no quarto, às escuras. Mas não podia. Tinha um filho recém-nascido a precisar de mim. Do meu corpo. Desempenhei as tarefas, mas fi-lo mecanicamente. Era uma bola de neve, René. Quanto mais vivia assim, mais me culpava por assim viver.

— Chegaste a perceber o que tinhas, mãe?

— Nunca. Agora sei que era uma depressão pós-parto, mas na altura não se falava tanto disto como hoje se fala. Só se fazia o que ainda hoje se faz: culpar uma mulher que não consegue estar feliz com a maternidade.

— O pai culpou-te?

— Não, René. O teu pai foi um homem bom. Fez o melhor que sabia. Mas não era só da ajuda dele que eu precisava. Eu precisava da ajuda de um profissional. Como nunca a procurei, e porque nunca consegui resolver a culpa que carregava por ter sido aquela pessoa nos teus primeiros tempos de vida, a depressão pós-parto tornou-se numa depressão crónica. E um dia...

A voz da mãe tropeçou na emoção.

— Mãe, tu sabes o que sente um filho que perde um pai para o suicídio?

A mãe deixou algumas lágrimas cair e baixou os olhos na direcção do chão, enquanto anuíu. René deu a resposta à própria pergunta.

— O que um filho sente quando um pai desiste de viver é que o filho não era motivo suficiente para o pai gostar da vida.

— Eu estava doente, filho. Eu nunca te quis abandonar. Eu achei que tu ficavas melhor sem mim.

— Eu senti que só tinhas pensado em ti, mãe.

— E hoje eu entendo que sim, mas a dor fez-me acreditar que não. René, quando é a dor a decidir por nós, não devemos ser nós a decidir.

— Então, que devemos fazer nessa altura, mãe?

— Pedir ajuda.

— Mas... há uma coisa que eu não percebo. Se tu morreste naquele dia... como é que estás aqui, comigo, agora?

A mãe de René sorriu gentilmente.

— Sabes qual é o perigo de não curarmos a ferida que nos causam, filho? É tornarmo-nos nela.

— Não sei se estou a perceber.

— Tu não herdaste só a ferida do teu pai, filho. Herdaste a minha. Tornaste-te em nós. No teu pai, em vida. Em mim...

— Mãe, tu estás a dizer o que eu penso que estás a dizer?

— Não tenhas medo, filho. A mãe está aqui para te guiar.

A memória de René voltou ao início de todas as repetições.

Estava na plataforma do metro. Olhava para o painel que previa a sua chegada. Sete minutos. Começava a passear-se pela linha amarela que separava o limite do fosso do metro da plataforma de espera.

De olhos abertos e cheios de lágrimas, René revia as imagens enquanto se aproximava da mãe e aceitava os seus braços abertos, num abraço que acolhia o seu choro e a sua recordação.

Pé ante pé. Um à frente do outro. A linha era a passerelle e René, o modelo que desfilaria sobre todos os motivos que o faziam pender entre o fosso e a plataforma.

A mãe começou a cantar. «O mar enrola na areia...»

Um passo em frente, um flash de Aurora. Outro passo em frente, o bilhete que ela lhe deixara. Novo passo em frente, um flash da mãe. Outro passo em frente, o pai a ler o bilhete que ela lhe deixara. René percebia agora a ironia daquilo em que se tinha transformado a sua vida nos últimos meses. Um conjunto de passos em frente que o transportavam sempre para trás.

«...ninguém sabe o que ele diz...»

Já não havia separação entre o fosso e a plataforma. René era os dois. A linha já não era amarela. Era vermelha. E ele estava a pisá-la.

«...bate na areia e desmaia...»

A estrutura do metro começou a abanar, anunciando a chegada do protagonista. O som dos carris massacrados pelo peso do equipamento que sobre eles acelerava tornava-se cada vez mais ruidoso. Ao fundo, no escuro túnel, René fixou os olhos, ávidos por luz. Duas lanternas emergiram perseguidas por cada carruagem. René pousou a mochila que carregava sobre a linha que pisava. Saltou para os carris. Reclinou a cabeça, abriu os braços e fechou os olhos. Sentiu o metro atravessá-lo. A rajada de vento. A vida. A morte. O sopra. E o tempo, que parara.

«...porque se sente feliz.»

René sentia-se profundamente triste. Acabara de perceber que tirara a sua própria vida. Chorava copiosamente, no colo da mãe, que o embalava. O metro, que ainda não parara em nenhuma estação desde que todas aquelas mães haviam saído, parou. Vindas da plataforma, entraram todas essas mães. Dirigiram-se aos filhos que tinham deixado no colo dos pais. Pegaram neles, sentaram-se e embalsamaram-nos no seu amor. As portas do metro voltaram a fechar-se.

— Pronto, René, a mãe está aqui.

Em minutos que pareceram horas, René recompôs-se e, retomando a verticalidade, olhou para a mãe e perguntou:

— Mas então... se eu estou morto, como é que estou aqui?

— Estar morto é só estar vivo de outra maneira.

— A morte é isto?

— Não. Isto foi a viagem que tu precisaste de fazer, para poderes seguir em frente, depois da tua.

— Um limbo?

— Uma viagem de metro.

— Então, eu não estou louco? Tudo isto foi real?

— Não te preocupes tanto em perceber as coisas. Preocupa-te mais em senti-las.

— Eu tenho dúvidas, mãe.

— E eu estou aqui para as esclarecer. Deixa-me ser a mãe de que tanto precisaste, filho.

— Se eu me matei, como pode o homem de saias rosa dizer que eu não estou louco?

— Filho, quem tira a sua vida não está louco: está doente. A depressão não é loucura. É doença. E, como qualquer doença, precisa de tratamento e de acompanhamento. A tua única loucura foi não teres pedido ajuda, René.

— Eu achei que pedir ajuda era fraqueza, mãe.

— Não é, filho. Pedir ajuda é força. A vida pode pesar, mas o peso pode ser repartido e, até, reduzido ou dissipado.

— Guardei tanta mágoa de ti e do pai que, quando fui eu a sentir o mesmo, me condenei pelo que vos condenava. Aos meus olhos, tu tinhas sido uma egoísta e o pai, um fraco. Para mim, assumir que sofria como vos vira sofrer era assumir que, afinal, eu também o era.

— Não, René. Tu não és egoísta ou fraco por sofreres e precisares de ajuda.

— Então, sou o quê?

— És humano.

A mãe fez uma festa no rosto de René.

— Mãe, mas, se eu estava doente, porque é que todas as pessoas com que me encontrei neste metro me deram a entender que havia algo diferente que eu poderia ter feito?

— Porque havia, René. Há quem acredite que a depressão é química, há quem acredite que é comportamental. Eu acredito que as duas sempre coexistem. Por vezes, a origem está num desequilíbrio químico que desequilibra comportamentos; outras vezes, está em comportamentos desequilibrados que desequilibram os químicos. E é por isso que é tão importante pedir ajuda! Para que alguém te guie a perceber o que se passa contigo e para que tu mesmo possas

saber que parte te cabe a ti fazer.

— Compreendo. Mãe, tenho outra pergunta.

— Todas as que queiras, René.

— A mulher da terceira carruagem, a Hulda... — A mãe sorriu, como se já soubesse que este seria o próximo tema escolhido pelo filho. — Mãe, ela era mesmo a Aurora?

— Sim e não. Como te disse, este foi o sítio que tu criaste para poderes seguir em frente, depois de teres desistido de viver. Tudo o que aconteceu neste metro, incluindo esta conversa, serve para isso. A Aurora vai viver até àquela idade, René. Vai ter aquele aspecto, um dia. E vai aprender tudo aquilo que ela te disse que aprendeu.

— Então, porque é que, neste metro, ela tirou a própria vida?

— Porque tu tinhas de sentir o que a fizeste sentir quando decidiste tirar a tua. Quando morremos, voltamos ao todo. Mas nós só podemos voltar ao todo se deixarmos de nos ver como parte. Tu tiraste a tua própria vida, René. Tal como eu. É das formas mais fortes de só te veres como parte. Tinhas de perceber que as tuas acções tinham impacto no todo. Tinhas de sentir o que a Aurora sentiu, para, agora que sabes tudo, entenderes o que a tua morte lhe fez. Quando tomamos uma decisão como essa, não estamos só a magoar a nossa vida. Estamos a magoar cada vida a que estamos ligados. Estamos a magoar o amor.

— Mãe... eu quero voltar atrás. Eu quero voltar atrás e corrigir o que fiz errado.

— Não podes voltar atrás e corrigir o que fizeste errado, mas podes seguir em frente e fazer melhor no futuro.

— Como podemos corrigir o que fizemos de errado, mãe?

— Há coisas que eu sei por ter partido primeiro do que tu, meu filho. E uma delas é esta: o amor que nos criou deu-nos tantas chances quanto as que ele compõe. Somos o infinito à procura de se findar.

— Isso significa que não há finalidade?

— Não. Isso significa que não há fim. A finalidade existe, e é sempre a mesma: a de reconhecermos o amor que somos.

— Mesmo que demore uma vida?

— Mesmo que demore várias.

— Então, qual a vantagem de aprendermos tudo numa só?

— Não precisas de aprender tudo numa só. És um viajante. Tens vários destinos para experimentar. Uns mais prazerosos, outros nem tanto. Viajar pode

ser tão bonito, René, mas chega sempre o dia em que sentes falta de casa. Tu não sentes falta de casa, filho?

— Eu sempre senti falta de casa, mãe.

— Lembras-te da metáfora da escola que o Gurudeva te ensinou?

— Lembro: a vida é uma escola.

— Sempre que vamos à escola, para onde voltamos quando o dia termina?

— Para casa.

— E se essa casa for uma casa saudável, que representa ela?

— Família.

— E numa palavra ainda mais ampla?

— Amor.

— Pois bem, para poderes ficar em casa, precisas de cumprir o curso da escola.

É essa a vantagem de não desistires e de aprenderes tudo na vida que te propuseste viver.

— Mãe, eu vou lembrar-me do que aprendi aqui?

— A tua mente, não; mas o teu coração, sim. É por isso que é tão importante viver ligado a ele. O coração sabe sempre o que a mente já esqueceu.

— Obrigado, mãe.

— Obrigada eu, filho. Foste tu que criaste este sítio. Foste tu que me quiseste incluir.

Abraçaram-se. O metro parou. As portas abriram-se. Os passageiros saíram. René e a mãe saíram também. Mas o veículo permaneceu onde estava, de portas abertas.

— E agora, mãe? Já conheci as sete carruagens, não tenho mais nada a fazer neste metro.

— Não tens, René?

— Tenho?

— René, neste metro ficaste a saber que o segredo para uma vida mais feliz é estares em paz com a tua criança interior.

Salomé e o filho, Acacius, saíram da primeira carruagem e, sorrindo para René, colocaram-se em linha, virados de frente para o metro, na plataforma.

— Viveres uma vida com e de propósito.

Nathaniel saiu da segunda carruagem com a sua guitarra e, piscando o olho a René, posicionou-se no mesmo alinhamento de Salomé e do filho, na plataforma.

— Aprenderes o significado e a vivência do verdadeiro amor.

René conseguia ver Hulda a caminhar para o lugar que lhe pertenceria, caso ali

estivesse.

— Seres livre e autêntico.

O homem de saias rosa saiu da quarta carruagem e colocou-se no mesmo alinhamento dos outros.

— Permaneceres ligado à Natureza.

Gaia saiu da quinta carruagem com Bedisa ao colo e alinhou-se com os outros.

— Acreditares em qualquer coisa, sobretudo em ti.

Gurudeva saiu da sexta carruagem de mãos em posição de oração e ocupou o seu lugar no alinhamento que todos respeitavam.

— Honrares as tuas raízes.

A mãe começou a caminhar para o seu lugar, no alinhamento dos outros, em frente à sétima carruagem. René olhava para todos, visivelmente comovido.

— Mas ainda te falta uma coisa.

— Que me falta, mãe?

— Não queres conhecer quem está na cabine?

René olhou para a porta do fundo no interior da última carruagem. Olhou de volta para Maia e perguntou:

— Tu não vens, mãe?

— Eu tenho o meu próprio metro para apanhar, filho.

René sorriu. Maia sorriu de volta. Abraçaram-se uma última vez.

— Amo-te.

— E eu a ti.

René estava pronto para seguir viagem.

A CABINE

René caminhou rumo à sétima carruagem. Antes de entrar, olhou para todos uma última vez. Despediu-se de cada um com o olhar. Inspirou fundo, virou costas e caminhou na direcção da porta da cabine. Ao fundo, a voz de Nathaniel retomou a canção que deixara a meio quando o conhecera.

*For I've been refused
And I've been regained
And I've seen your eyes before
And I'm sure to see your eyes again
Once again*

René encostou a mão à porta, que abriu sem resistência. Sentia curiosidade e algum nervosismo, mas estava pronto para conhecer quem comandava aquele metro.

*For I've been released
And I've been regained
And I've sung my song before
And I'm sure to sing my song again
Once again*

Quando abriu a porta, a cabine, apenas iluminada pelo painel de controlo, revelou estar vazia. René entrou e deixou que a porta se fechasse, na esperança de

perceber se ela revelaria alguém escondido atrás. Nada. Ninguém. Ao fundo, a voz abafada de Nathaniel fazia ouvir-se.

*Some people got to laugh
Some people got to cry
Some people, they got to make it through
And never wondering why*

René olhou para o lugar vazio do condutor e, depois de um breve e intrigado silêncio, sorriu. Avançou para o lugar. Sentou-se. Tinha percebido a mensagem.

*Some people got to sing
Some people got to sigh
Some people (some people), they never see the light
Until the day they...*

Os três *beeps* soaram. As portas do metro fecharam-se. Na cabine, imperava o silêncio. René ia accionar os comandos para dar ordem à viatura para partir, quando ouviu passos na carruagem. Dirigiam-se, firmes, rumo à cabine. No momento em que ia olhar para trás, a porta abriu-se. Ao seu lado, colocou-se uma figura que conhecia bem naquele metro. A mulher de *T-shirt* branca com a frase estampada. «Tudo o que vai volta.» René não se assustou. Voltou a perceber a mensagem. A mulher pôs-lhe a mão no ombro. René olhou em frente e, ao mesmo tempo que accionou os comandos para a viatura seguir, completou a canção que Nathaniel deixara por terminar.

Until the day they die.

O metro começou a fazer-se ouvir, pronto para acelerar. René continuava a cantar.

*But I've been released
And I've been regained*

Lágrimas escorriam-lhe pelo rosto.

*And I've been this way before
And I'm sure to be this way again*

O metro acelerou escuridão adentro. René fechou os olhos e chorou a escuridão.

*Once again
One more time again*

De repente, uma luz muito forte apareceu ao fundo do infindável túnel que o metro percorria. René abriu os olhos e chorou a luz.

Just one last time...

O metro acelerou em direcção à luz. Feixes brancos atravessaram o vidro da cabine, iluminando René. Às suas lágrimas, juntou-se o seu sorriso. Os seus olhos puderam, finalmente, descansar. René já não lutava contra a luz. Não se luta contra o que se é.

NOTA DO AUTOR

Embora este seja um livro ficcionado, a depressão é um tema real para muitas vidas. Tantas que acabaram como a de René.

Viver profundamente deprimido é não conseguir ver a luz ao fundo do túnel. É sentir que a vida nos pesa nos olhos e que a única maneira de fugir ao peso é fechá-los de vez.

Mas não é.

Tal como a viagem de René nos ensina, quem pensa em tirar a sua vida não deseja deixar de viver: deseja deixar de sofrer. Na ficção, o sofrimento pode resolver-se em qualquer momento. Na realidade, o sofrimento resolve-se em vida.

Se o leitor se sente profundamente deprimido, se sente uma voz na sua mente que lhe diz para desistir, lembre-se de que essa voz não é a sua: é a voz da depressão.

René, quando é a dor a decidir por nós, não devemos ser nós a decidir.

— Então, que devemos fazer nessa altura, mãe?

— Pedir ajuda.

Peça ajuda. Entregue nas mãos de profissionais o que ainda não consegue

agarrar com as suas e recomece, pouco a pouco, a recuperar a sua saúde mental. A sua vida. Porque todas as vidas importam. A sua vida importa.

SOS VOZ AMIGA

Horário: 15:30 – 00:30

Contacto telefónico: 213 544 545 | 912 802 669 | 963 524 660

CONVERSA AMIGA

Horário: 15:00 – 22:00

Contacto telefónico: 808 237 327 | 210 027 159

VOZES AMIGAS DE ESPERANÇA (VOADES)

Horário: 16:00 – 22:00

Contacto telefónico: 222 030 707

TELEFONE DA AMIZADE

Horário: 16:00 – 23:00

Contacto telefónico: 222 080 707 | 228 323 535

VOZ DE APOIO

Horário: 21:00 – 00:00

Contacto telefónico: 225 506 070

Email: sos@vozdeapoio.pt

E, um dia, já recuperado, que seja o leitor a fazer por alguém o que a história de René possa ter feito por si.

Com Amor,

André Fernandes

«I've Been This Way Before»,
Neil Diamond

